

OLHARES CRUZADOS



na **diversidade**

de SÃO PAULO



Viva sem
povenculos!

OLHARES CRUZADOS
na **diversidade**
de SÃO PAULO



POR QUE TRABALHAR COM TEMAS COMO DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NAS ESCOLAS DE SÃO PAULO?

Antes de escrever esse texto, abrindo o jornal pela manhã, deparo com mais uma tragédia que teve como palco o ambiente escolar, e que, infelizmente, vem se tornando recorrente. Um aluno, dessa vez um brasileiro, portando uma arma dos pais, dispara e mata colegas de classe. A imprensa relata o terrível ocorrido, o sofrimento das famílias, dos amigos, dos professores, a incredulidade da sociedade, mas, para além da barbárie do ato em si, do desequilíbrio de um adolescente que se sente rejeitado por seus pares em meio a uma sociedade que carece de valores éticos, o sentimento de exclusão é um dos disparadores desse gatilho.

Em uma cidade como São Paulo, uma metrópole que ultrapassa 12 milhões de habitantes, resultado da fusão de diferentes origens étnicas e de uma profusão de imigrantes e culturas de todos os continentes do planeta, como não aceitar a diversidade, se é a diversidade que nos faz paulistanos de nascimento ou por adoção?

Com o compromisso de contemplar esse universo de pessoas tão diversas que contribuem para essa identidade plural da cidade de São Paulo, surgiu o Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo. E, sem dúvidas, iniciar o projeto dentro das escolas não foi apenas uma escolha, mas a certeza de que a educação exerce um papel fundamental na formação do ser humano e dos seus valores.

Acreditando que os milhares de professoras e professores que se dirigem todos os dias para as salas de aula estão cientes de que, para construir um mundo melhor, as meninas e os meninos que os ouvem precisam receber não apenas conhecimentos, mas principalmente compartilhar valores éticos, se sentirem acolhidos, e que esse papel fundamental do mestre está pautado no compromisso de garantir que esses pequenos cidadãos possam conviver em um ambiente amistoso, que os respeite dentro das suas diferenças.

Focado na educação para os Direitos Humanos com ênfase no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na perspectiva da diversidade existente na capital paulista, o projeto Olhares Cruzados buscou somar para uma cultura de tolerância e diálogo dentro e fora das escolas.

Essa é a 15ª edição do projeto, que teve início em 2004 com o objetivo de ser uma ponte entre comunidades de países africanos e quilombolas brasileiras e ao longo da trajetória ampliou e possibilitou o conhecimento recíproco entre comunidades indígenas do Brasil e de países da América Latina. Foram contempladas cerca de 2.000 crianças e adolescentes de 12 países da África e da América Latina, que interagiram com outras de 12 estados brasileiros – experiência registrada em 14 livros publicados.

Entre dezembro de 2015 e novembro de 2017 o projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo contemplou cerca de 60.000 alunos e mais de 150 professores e coordenadores pedagógicos de 74 escolas municipais das Diretorias Regionais de Ensino da Capela do Socorro, da Penha e do Jaçanã-Tremembé. Ampliando a discussão sobre Direitos Humanos na grade curricular, foram trabalhados os Direitos Humanos com foco no ECA e o respeito às diversidades, tendo como eixos principais os direitos das populações negra, indígena, imigrante, LGBT, mulheres, pessoas com deficiência e idosos.

O objetivo dessa iniciativa é, a partir da escola, estimular a valorização da diversidade, o respeito às diferenças e o reconhecimento da alteridade por meio de ações que envolveram formação de professores, eventos e oficinas com estudantes, além de produção de materiais impressos de apoio e divulgação.

Foram 2 anos formando agentes multiplicadores e estimulando a troca de conhecimentos e de experiências, para que haja o empoderamento dos alunos no combate ao preconceito. Acreditamos ter contribuído para fomentar o respeito aos direitos de grupos vítimas de preconceito.

Dirce Carrion

Presidente da OSCIP Imagem da Vida

APRESENTAÇÃO

Com que olhar entendemos a diversidade étnica e racial da sociedade brasileira? A Lei 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e a Lei 11.645/08 estendeu a mesma obrigatoriedade para o ensino da História e Cultura dos Povos Indígenas em nosso país, em todos os sistemas de ensino público, municipal e estadual dos níveis Fundamental e Médio.

Essas leis alteraram a Lei 9.364/96 das Diretrizes e Bases da Educação e tiveram por, princípio, visibilizar a trajetória histórica dos povos que contribuíram para a construção deste país e da identidade brasileira. Após catorze anos de luta para mudar a percepção de muitos brasileiros em relação a esses povos, ainda, marginalizados pelas instituições de ensino, o desafio pela ressignificação positiva continua.

Se no primeiro momento, a sensibilização para a educação das relações étnicas e raciais constituíram na força motriz de muitos processos educativos em nossas escolas, o passo seguinte se traduziu na busca corajosa de métodos alternativos de conhecimento, aproximação e descobertas das comunidades africanas e indígenas.

O projeto e o livro *Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo*, da OSCIP Imagem da Vida, traz à luz a concretude de práticas pedagógicas desenvolvidas em 74 escolas da Rede Municipal de Ensino envolvendo as Diretorias Regionais de Educação da Penha, de Capela do Socorro e de Jaçanã/Tremembé desde 2015.

O livro relata ações e atividades realizadas nessas escolas em dois momentos. No ano de 2016, priorizou-se a formação de professores e coordenadores pedagógicos nas temáticas Direitos Humanos e Diversidades, além dos projetos desenvolvidos por arte-educadores com os alunos. Em 2017, as ações foram pautadas pelo desenvolvimento de propostas com os coletivos escolares por meio de exposições, oficinas e distribuição de materiais.

Este projeto foi viabilizado em parceria com o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Cidadania, por meio do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e disponibilizou às escolas participantes 74 módulos de exposições varal, 14.800 cartilhas sobre as temáticas Direitos Humanos e Diversidade, DVDs e livros.

Serão 5000 exemplares do livro, que apresentará as experiências positivas das escolas municipais no enfrentamento ao preconceito e na valorização dos direitos humanos e da diversidade existente na Cidade de São Paulo.

O Núcleo Étnico-Racial da Secretaria Municipal de Educação orgulha-se desta iniciativa que retrata as boas práticas adotadas em nossos territórios educativos com relação ao respeito, à cidadania responsável e o apreço às diversidades. É com esse olhar da equidade que esperamos ver exemplos como esse multiplicados em toda a Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Vera Lúcia Benedito

Responsável pelo Núcleo para a Educação Étnico-Racial da Secretaria Municipal de Educação



PROJETO OLHARES CRUZADOS NA DIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo é uma iniciativa da OSCIP Imagem da Vida com apoio do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD) e parceria com a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) e da Secretaria Municipal da Educação (SME) e o Núcleo de Educação Étnico-Racial.

A proposta do projeto é promover e fortalecer a luta pelos direitos da criança e do adolescente, definidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), realizando ações que buscam efetivar a educação em Direitos Humanos e o respeito à diversidade.

Dessa forma, busca-se contribuir para consolidar e ampliar o diálogo sobre Direitos Humanos nas escolas e nas comunidades do entorno de regiões da cidade de São Paulo, pertencentes às Diretorias Regionais de Ensino da Penha, da Capela do Socorro e do Jaçanã-Tremembé, marcadas por altos índices de vulnerabilidade e compostas por grande número de indígenas, negros e imigrantes.

A ampliação do diálogo sobre Direitos Humanos nas escolas requer a incorporação da temática ao currículo do Ensino Fundamental, destinando atenção não apenas aos grupos mencionados, mas incluindo as mulheres, as pessoas com deficiência, a população idosa e a população LGBT.

A educação em Direitos Humanos se orienta pela compreensão de que os Direitos Humanos são universais e compõe uma unidade indivisível e interdependente, garantindo os direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, bem como incorpora os recortes imprescindíveis de gênero, etnia, sexualidade, deficiência, geração, dentre outros.

Dessa forma, trata a igualdade enquanto direito, mas reconhece a diversidade, respeitando e promovendo toda e qualquer forma de diferença.

Visando a atender esses princípios, o Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo se centra no ambiente escolar, onde a diversidade e as diferenças são a expressão das próprias relações sociais presentes no país e, em específico, na cidade de São Paulo.

A escola, portanto, é vista como um lócus privilegiado para que as diferenças possam ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas. Mas é preciso estimular a reflexão de educandos, educadores, familiares, responsáveis e todos os envolvidos no processo educacional, para que estes de fato se constituam em agentes da transformação da realidade, a fim de garantir a dignidade humana e a construção de uma cultura permeada pelos Direitos Humanos.

A proposta metodológica se inscreve em uma perspectiva problematizadora e dialógica que pressupõe a aprendizagem coletiva de todos os envolvidos no processo e a busca da identificação de situações de violação dos direitos, bem como a intervenção e o desenvolvimento de ações de promoção, proteção, defesa dos direitos e combate a todas as formas de discriminação explícita ou velada.

Para tanto, é dinâmica, ativa e participativa, e utiliza diversas linguagens: leitura crítica de imagens, de vídeos e fotografias; linguagem plástica usando desenho, arte mural, modelagem, pintura; exposições-varal e materiais impressos, utilizando folders e cartilhas do projeto, narrativas de histórias pessoais e coletivas; e recursos lúdicos utilizando jogos, contação de histórias; dentre outros.

A realização do projeto reúne um conjunto de ações articuladas desenvolvidas dentro e fora da escola, que tiveram o início em dezembro de 2015. Em abril de 2016 foram realizadas as sensibilizações dos coordenadores pedagógicos das DREs da Penha, do Jaçanã-Tremembé e da Capela do Socorro, etapa entendida como estratégia fundamental para alcançar e desenvolver o trabalho junto aos professores e coletivos escolares.

Nos meses de junho, julho e agosto de 2016 realizou-se o Módulo I do curso de formação de professores sobre Direitos Humanos, abordando os temas: Direitos Humanos; Constituição Federal de 1988; Convenção da OIT; Estatuto da Criança e do Adolescente; Convenção dos Direitos das Crianças; Leis 10.639/03 e 11.645/08.

No segundo semestre de 2016, nos meses de setembro, outubro e novembro, foi implementando o Módulo II, abordando a temática da diversidade, tratando dos temas: diferença e diversidade na escola; autodefinição; pluralidade e multiculturalismo; aprender na diferença; preconceito; estereótipo; metodologia do projeto como ferramenta pedagógica para promover a educação na diversidade; e compartilhamento de práticas de educação na diversidade realizadas nas escolas.

Ressalta-se que para o projeto essas ações de formação dos professores e coordenadores é fundamental para o êxito das oficinas nos coletivos escolares e para a continuidade das ações de identificação de situações de violação dos direitos e de intervenção, defesa dos direitos e combate ao preconceito e à discriminação.

Concomitante à realização do curso, iniciaram-se as atividades junto aos coletivos escolares nas DREs da Penha e do Jaçanã-Tremembé, por meio de oficinas lúdicas, realizadas por arte-educadores com apoio dos professores, baseadas na temática de Direitos Humanos e direitos fundamentais contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente, com a distribuição de 58.000 folders explicativos sobre o projeto e a produção de uma cartilha sobre Direitos Humanos e diversidade, ilustrada com o resultado da produção das crianças e dos adolescentes nas oficinas.

No início de 2017 foram intensificados os contatos com os coletivos escolares para o prosseguimento das atividades práticas, desenvolvidas em oficinas lúdicas de contação de histórias, de arte mural e rodas de discussão, abordando as temáticas dos Direitos Humanos e da diversidade com foco

nos eixos: população negra, imigrantes, indígenas, mulheres, população LGBT, população idosa e pessoas com deficiência.

Essas oficinas, desenvolvidas ao longo do ano, visaram a estimular os coletivos escolares a discutir e identificar as diferenças como qualidades e não como preconceitos e estereótipos, assim como sensibilizar os membros da comunidade e familiares para o respeito à diversidade e aos Direitos Humanos. Para dar suporte a estas ações foram produzidos módulos de exposição-varal sobre Direitos Humanos e diversidade para as 74 escolas contempladas pelo projeto, nas quais foram distribuídas 14.800 cartilhas Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

Todas as oficinas foram registradas e as produções fotográficas, os desenhos, a arte mural, os textos, as entrevistas e os depoimentos produzidos pelos alunos com o apoio dos arte-educadores do projeto e dos professores subsidiaram um livro, uma exposição convencional e novas mostras-varal individualizadas para uma devolutiva para cada escola participante do projeto.

A proposta dessas exposições é manter a temática dos Direitos Humanos e da diversidade presente nas escolas com visitação aberta à comunidade, com o intuito de divulgar o trabalho realizado nos coletivos escolares e aproximar as famílias e a comunidade do entorno das temáticas trabalhadas.

Com o encerramento do projeto no final de 2017, foram disponibilizados 5.000 exemplares do livro Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo, visando a compartilhar os resultados com outras escolas, multiplicando assim as boas práticas do projeto e contribuindo para a promoção de uma cultura de respeito aos Direitos Humanos e à diversidade.

Márcia Kay

Coordenadora do Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo

INFÂNCIA OU INFÂNCIAS?

O risco de um olhar único para as crianças

Para falar sobre a infância, esse período da vida do ser humano que para alguns corresponde dos 0 aos 12 anos de idade, é preciso lembrar que ela é uma construção social, ou seja, para um determinado tempo histórico, todo indivíduo que esteja nessa faixa de tempo cronológico é considerado criança.

Para cada grupo social há regras fundadas para esses pequenos membros, que muitas vezes são pautadas nas suas capacidades e possibilidades físicas e motoras (andar, falar, ser capaz de se alimentar sozinho etc.). Tais regras também determinam se aquela pessoa é ou não uma criança. Porém, é fundamental destacar que essas regras não são comuns para todos os grupos sociais.

Se pensarmos na vastidão de culturas e de possibilidades de agrupamentos humanos que formam o Brasil, é de fundamental importância alargar os conceitos sobre criança e infância. É urgente externar que não é possível a existência de apenas um

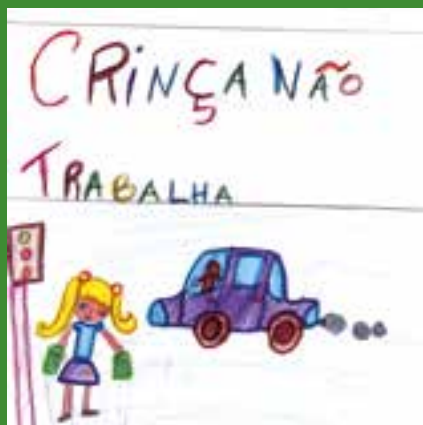
tipo de infância, que corresponda às diversas formas de ser e viver dos mais diferentes conjuntos de pessoas que compõem o que entendemos por território nacional.

A infância das crianças nas carvoarias não é a mesma das dos assentamentos dos trabalhadores rurais, como também não é a mesma vivida pelas crianças nos terreiros das religiões de matriz africana e tampouco a das que vivem com suas famílias em situação de rua ou a das crianças indígenas das mais de 200 etnias existentes no Brasil. Mas todas elas são invisibilizadas da mesma forma.

Após 27 anos da criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), ainda há muito por fazer em defesa das crianças e do direito que todas têm de serem cuidadas, respeitadas e entendidas em sua potencialidade e saberes, como crianças e não como os que estão em condição de vir a ser.

Daniela Oliveira Francisco

Coordenadora Pedagógica do
CEU EMEF Manoel Vieira de Queiroz Filho



DIREITOS HUMANOS, CRIANÇAS, ADOLESCENTES E DIVERSIDADE

Direitos Humanos são os direitos básicos de todas as pessoas. Por exemplo, o direito a comer, a morar, a ter saúde. Enfim, os direitos para viver com dignidade, com liberdade para se associar, trabalhar, escolher sua religião e tudo mais.

Depois de muita luta, esses direitos foram reconhecidos pela maior parte dos países, e regras foram estabelecidas no mundo todo. Um dos pactos mais importantes para garantir esses direitos é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada em 1945, que “reafirma a fé nos direitos fundamentais... e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade ampla”.

No Brasil, os Direitos Humanos são a parte mais importante da Constituição Federal de 1988, que organiza o funcionamento do país, limitando poderes e definindo as regras básicas de convivência. Esse documento foi escrito com intensa participação de movimentos sociais, gestores, legisladores, enfim, de toda a sociedade brasileira.

Logo na sequência da promulgação da Constituição, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, que define tudo o que deve ser feito – e por quem – para a proteção, a promoção e a defesa desses seres humanos em desenvolvimento. Alguns desses direitos são: à vida; à saúde; à liberdade, ao respeito e à dignidade; à convivência familiar e comunitária; à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer; à profissionalização e à proteção no trabalho. Uma das diretrizes do ECA é a criação de Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente, assegurando a participação popular e paritária. Em conferências e outros fóruns de discussão, formulação e monitoramento das políticas para esse público já é possível perceber a participação ativa e propositiva de jovens, adolescentes e até crianças.

Articulados, os jovens conseguiram em 2013 mobilizar o Congresso e instituir o Estatuto da Juventude, que destaca, dentre outros: a obrigatoriedade da implementação de políticas afirmativas; o direito à diversidade e à igualdade de oportuni-

des; e a capacitação de professores sobre o enfrentamento de discriminações.

Enfim, são grandes os avanços para a garantia dos Direitos Humanos no Brasil, em especial, das crianças e dos adolescentes. Mas ainda há muito que fazer, e o papel do educador é central nesse terreno.

Para o bom exercício da atividade de educador, é fundamental conhecer as legislações que protegem os Direitos Humanos e perceber que elas garantem a crianças, adolescentes, jovens, pessoas com deficiência, enfim, a todos, o respeito étnico, racial e de gênero e à diversidade cultural e de orientação sexual, bem como reconhecer os sinais de violência física e psicológica. O papel do educador deve ser buscar a convivência harmônica da diferença.

Para isso, deve ter por princípio que ninguém pode ser atacado ou ridicularizado por suas características, seus ideais, seus valores ou suas crenças. Quando identificado um conflito, é necessário reconhecê-lo e, em um ambiente de respeito e confiança, falar abertamente sobre a situação para que em uma troca de visões surjam novas significações. Daí a necessidade também de os educadores distinguirem e conduzirem os “tipos de conversações”, trabalhando os estados de ânimo contraproducentes, com o intuito de sempre favorecerem o processo de aprendizagem grupal. Quando as pessoas sentem dificuldade de assimilar o diferente, tendem a torná-lo invisível. Mas ignorar ou reprimir um conflito não fará com que ele desapareça: é necessário encará-lo como possibilidade de avanço. Assim, o processo educacional tem papel fundamental, enquanto instrumento eficaz para se alcançar a consciência cidadã e uma cultura de garantia de Direitos Humanos.

A exclusão de crianças, adolescentes e jovens das possibilidades de viver minimamente com dignidade configura negação da condição humana. A justiça social só se fará presente se as pessoas conseguirem ampliar seus olhares, trocar conheci-

mentos, cruzar culturas, entrar em contato com novas realidades, perceber os riscos de rupturas e universalizar os sentimentos de proximidade, respeito e solidariedade.

A participação e o protagonismo de crianças, adolescentes e jovens na construção de uma cultura de respeito aos Direitos Humanos é estratégica. Esses grandes e pequenos cidadãos, por terem um enorme potencial lúdico, curioso, crítico e criati-

vo, têm maiores possibilidades de desenvolver novas relações consigo, com seus pares, com o diferente, com a comunidade e com o mundo. E a escola é um espaço privilegiado para a convivência inovadora, transformadora e harmônica entre as diferenças.

Luana Cruz Bottini
Psicóloga



PRECISAMOS FALAR SOBRE O RACISMO NA ESCOLA

A dimensão étnico-racial apresenta uma série de faces que pode ser apontada tanto do ponto de vista da violência material, física, concreta, como do da violência simbólica. Para intervir nessa realidade social, a escola é o espaço mais adequado tanto para a superação de preconceitos e estereótipos como para a correção de conceitos errôneos cristalizados relacionados ao segmento populacional negro.

É possível identificar a importância atribuída à educação no enfrentamento ao racismo, refletida nos esforços significativos, nas reivindicações e nas propostas do Movimento Negro Brasileiro ao longo do século XX no sentido de aprovação da Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana, ressaltando a cultura negra na formação da sociedade brasileira.

A renomada experiência da Imagem da Vida na realização de cursos de formação na temática Diversidade no Ambiente Escolar tem garantido a ressignificação e a valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade brasileira aos educadores participantes dos encontros de formação de professores e aos alunos das escolas municipais contempladas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

Como mulher negra, professora e bióloga tive a honra de apresentar palestras nos encontros de formação promovidos pela Imagem da Vida para professores e coordenadores pedagógi-

cos das escolas municipais de Ensino Fundamental das Diretorias Regionais de Ensino da Penha, do Jaçanã-Tremembé e da Capela do Socorro. Ao sobrepor as áreas biológica e das ciências sociais na temática étnico-racial, novas percepções foram potencializadas para reflexões sobre o processo de construção do que chamamos humanidade, que envolve a produção de conhecimentos científicos. Assim, educadores podem aplicar diversas áreas de estudo para interferir nos sentimentos de superioridade e inferioridade frequentemente vividos na escola, corpo docente e discente.

Por percorrer distâncias e por exercitar a comunicação entre diferentes etnicidades obtém-se uma visão global acerca das identidades que se encontram. Isso também pode ser mensurado quantitativamente. Os resultados positivos dessas abordagens têm valor documental-histórico.

Se a dignidade coletiva define o caminho para a cidadania, é fundamental a continuidade de cursos de formação de professores e atividades com os coletivos escolares que promovam os Direitos Humanos e o respeito às diversidades. É de vital importância para que as instituições de ensino vivenciem a pluriethnicidade, prevista no Estatuto da Igualdade Racial – Lei 12.288/10, incluída na pauta da Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024) da ONU –, a continuidade de ações que envolvam o planejamento de atividades práticas visando a otimizar a inserção da cultura da equidade.

Rosa Maria Tavares Andrade

Bióloga, professora Ciências Biológicas e radialista

POPULAÇÃO INDÍGENA

A Constituição Federal de 1988 nos brinda com uma fórmula democrática da unidade na diversidade. Um país inteiro, uma nação, um território nacional, mas um número incontável de línguas, de culturas, de modos de ser, de viver, de se relacionar com a terra, de sabedorias e ciências próprias adormecidas e ocultadas por anteriores projetos de homogeneizar as gentes.

Os povos indígenas, e o ser indígena, deixam pela primeira vez de ser um problema para o Estado Nacional. A diversidade, então, também deixa de ser um problema e passa a ser uma realidade. A Constituição de 1988 é um marco em uma alteração legislativa que pretendia também ser uma alteração de mentalidade e da gestão de políticas estatais.

No entanto, deixar de ser “um problema” criou direitos de ser e existir, segundo seus modos de ser e de existir, e não é apenas no conhecimento da letra legal, mas no reconhecimento efetivo e na prática.

Os povos indígenas existem, persistem em seu modo de ser, de viver e de existir, em suas concepções e pensamentos sobre a vida e o mundo e por isso, pelo fato de existirem, resistem.

Para compreender as sociedades indígenas é preciso ir além da procura por conhecer “o outro”, “o diferente”, sendo necessário indagarmos e refletirmos sobre a nossa própria sociedade.

No entanto, constatamos que conhecemos a história indígena a partir da chegada do colonizador europeu, instituindo uma verdade equivocada e preconceituosa acerca do legado do povo indígena.

A escola deve auxiliar professores e estudantes a superar essa visão eurocêntrica, baseada em estereótipos construídos a partir de uma visão simplificada e negativa do outro, nascida da necessidade de promover e justificar a opressão e a agressão.

A educação deve questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade, promovendo a interculturalidade como troca e construção conjunta de novos significados frente à diferença entre pessoas, povos e nações.

É preciso, portanto, descolonizar os currículos, possibilitando um diálogo intercultural saudável e enriquecedor, reconhecendo o Brasil como país multiétnico e pluricultural.

Marcele Guerra

Consultora do Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo

POR OUTRAS PEDAGOGIAS

É comum encontrarmos um discurso em que se vincula ao passado a qualidade da educação pública e relega ao presente à má sorte de encontros sem sentido, deslocados da contemporaneidade. Para responder a tal provocação é muito importante termos em conta quais são os sujeitos que diariamente se encontram nas salas de aulas das milhares de escolas de nossa cidade. Há pouco mais de 10 anos o Brasil conseguiu universalizar o ensino fundamental; ainda vamos completar uma década do fim dos turnos de 4 horas nas escolas de ensino fundamental da cidade de São Paulo. Há aproximadamente 20 anos era comum um colega de sala ser “convitado a se retirar da escola” porque ficou retido duas vezes, ao invés de prosseguir seus estudos para o ano subseqüente. Sobre isto se dizia que o estudante jubilo. A defesa desta ação se aproximava do patrão da indústria que dizia: “Não quer trabalhar? Tem uma fila de desempregados lá fora!” Na escola: “Não quer estudar? Tem uma fila de mães pedindo vaga de matrícula nesta escola!”

Literalmente nos anos 80 e 90 observava-se mães e pais que dormiam em filas nas portas da escola com o objetivo de garantir o direito à educação de seus filhos. Passados mais de 30 anos destas lutas, hoje encontramos com outros sujeitos. Sujeitos que não serão postos para fora e que aprenderão em tempos distintos, em línguas distintas e em espaços distintos. Será no reconhecimento das identidades de cada criança, adolescente, jovem, adulto e idoso que construiremos outras possibilidades

de cidades, outras interpretações de mundos, pautados pelas formas de representação do universo que nos rodeia.

O quê as crianças imigrantes dos diversos continentes do planeta têm a nos dizer sobre a vida e o quê podemos construir coletivamente para os encontros com os conhecimentos produzido pela humanidade? A diversidade entre os estudantes nascidos nos diferentes países da Terra certamente potencializa o encontro com outras formas de narrar o mundo, em especial por meio de um olhar não hegemônico dos países do Hemisfério Norte, pois poucos são os sujeitos oriundos dessas nações.

Nas palavras do professor Boaventura de Souza Santos, estamos diante de outros conhecimentos promovidos pelas “epistemologias do Sul”. O que são os saberes indígenas tecidos ao longo de milhares de anos em uma organização sustentável no seio das Américas? Ou o que nos têm a dizer os diferentes povos de um continente que foi e continua a ser arrasado pelo poderio econômico dos países que compõem os maiores PIBs do planeta? O que narra a cultura milenar oriental, que apresenta diferentes formas de organização social da praticada pela cultura ocidental hegemônica?

São com questões como estas que, ao se trançarem as histórias dos estudantes deste território que compõe a cidade de São Paulo, certamente poderemos viver uma experiência de agrupamento urbano que defende o espaço comum do encontro de tantas narrativas sobre o mundo que estamos a inventar!

Carlos Eduardo (Cadú) Fernandes Junior

Coordenador Pedagógico da EMEF Infante Dom Henrique, futura EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus

PESSOA IDOSA: CONSTRUINDO O DIÁLOGO INTERGERACIONAL

A escola é uma instituição social que se insere no contexto mais amplo da sociedade e é o local por excelência das relações, por isso deve proporcionar ao sujeito que se expresse e se diferencie, conquistando uma formação ética e cidadã.

A formação cidadã é uma construção histórica e social e não individual, portanto uma tarefa coletiva que deve ser assumida pela escola e pelo educador, visando a uma educação crítica e autônoma, em que o respeito às diferenças seja visto como elemento fundamental para a superação de preconceitos, do individualismo e da intolerância.

Portanto, incluir a temática da relação intergeracional na escola é promover o diálogo e a troca entre as gerações, possibilitando, como assevera Hannah Arendt, a transformação e a reconstrução da tradição no espaço dos grupos sociais.

É nessa perspectiva que a promoção e a valorização do convívio intergeracional se destaca como um dos mais ricos instrumentos de combate aos preconceitos, de aprendizagem mútua de conhecimentos, de aprofundamento dos laços de solidariedade e de amizade.

No âmbito escolar, a presença de atividades que envolvam as questões intergeracionais se constitui em uma fonte potencial de mediação de valores e de construção da cidadania, pois possibilita a troca de vivências e a interlocução de saberes de pessoas de experiências e vivências distintas.

Dessa forma, promover o diálogo entre as gerações na escola auxilia o processo de humanização dos educandos, ampliando a consciência e a convivência comunitária. Esse diálogo aproxima as pessoas e possibilita a transmissão e a apreensão de crenças, valores, experiências e vivências traduzidas pela memória dos mais velhos.

Essa visão permite compreender o processo de envelhecimento como natural, parte integrante do curso da vida de todos os sujeitos: uma interligação entre passado e presente, inovação e tradição.

No entanto, a exclusão e a segregação dos idosos é uma realidade presente na sociedade moderna. Gera a desvalorização e uma visão redutora desse grupo, impossibilitando relações intergeracionais saudáveis.

Cabe ressaltar que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a definição de idoso se refere aos indivíduos de países desenvolvidos com 65 anos ou mais. Nos países em desenvolvimento, são considerados idosos os indivíduos com 60 anos de idade ou mais. Segundo dados do IBGE de 2013, a expectativa de vida média do brasileiro ao nascer é 74,9 anos e vem subindo ano a ano, o que faz com que a convivência dos mais jovens com os mais velhos se amplie cada vez mais.

Por isso, é fundamental que a educação e a escola promovam a compreensão e a conscientização sobre o processo de envelhecimento e favoreçam o convívio e o respeito mútuo de crianças, jovens e idosos.

Para que isso ocorra, é preciso estimular o intercâmbio de experiências por meio de atividades intergeracionais que promovam relações positivas entre diferentes faixas etárias conduzindo à inclusão das pessoas idosas nos diversos contextos sociais, principalmente na família e na comunidade.

O convívio entre diferentes gerações é fundamental para viabilizar o exercício e o estímulo à comunicação intergeracional. Trocas que possibilitam que os saberes sejam transmitidos não apenas dentro de uma mesma família, mas no convívio social, o que, além de possibilitar a aprendizagem, é fundamental para a consolidação dos laços entre as gerações.

O diálogo intergeracional, portanto, não é um ato de compaixão para com os mais velhos, mas sim um elo de solidariedade entre as gerações, que só pode ser construído no convívio com o outro e no reconhecimento da pluralidade e da diversidade humana.

Márcia Kay

Coordenadora do Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo

O debate contemporâneo sobre as relações de gênero na sociedade, e, principalmente, na escola revela o quão importante e denso esse tema é para o avanço dos Direitos Humanos e por consequência para a humanidade de um modo geral. Discutir, problematizar e ressignificar tais relações no âmbito escolar é um desafio de educadoras e educadores que têm o compromisso com um currículo emancipatório e crítico, que, por sua vez, busca “descolonizar” concepções e práticas, na perspectiva de construir uma sociedade mais igualitária e horizontal.

Nesse sentido, ao observarmos as práticas escolares e em quais premissas elas estão calcadas, podemos perceber se a escola se constitui em um espaço privilegiado para a manutenção do “aprendizado da separação”, que categoriza meninos e meninas de forma a justificar as diferenças e, consequentemente, a manutenção dos preconceitos histórica e socialmente constituídos, ou, ao contrário, como nos ensinou o mestre Paulo Freire, se as reflexões e ações escolares promovem as

Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância.

Simone de Beauvoir

transformações necessárias no sentido da igualdade a partir do respeito às diferenças.

Discutir as questões levantadas nos parágrafos anteriores dentro das salas de aula e em todos os espaços escolares significa romper com um modelo educacional que reproduz as estruturas de poder e os privilégios de um sexo sobre o outro, consolidando dessa forma o equívoco da aprendizagem de papéis sociais e sexuais rígidos, anônimos, que separam os indivíduos em categorias predefinidas e estereotipadas.

Portanto, todo e qualquer projeto que vise a romper com a naturalização das desigualdades entre os sexos e que invista na compreensão sobre o masculino e o feminino a partir de uma égide democrática, reflexiva e plural deve ser valorizado e multiplicado no âmbito das políticas públicas e da ação da sociedade como um todo, gerando assim, multifacetadas possibilidades para que os sujeitos construam suas identidades de gênero.

Cláudia Regina Dias Branco Garcia

Historiadora e professora da Rede Municipal de São Paulo

EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Por uma educação que respeite a diferença e promova oportunidades iguais para todos

Não há receio algum em afirmar que há escolas que recebem crianças e adolescentes com e sem deficiência nos mesmos espaços educacionais, configurados ou não em salas de aula, e realizam uma formação notoriamente bem-sucedida, tanto no que se refere à formação pessoal como no que tange à transmissão e à produção dos conhecimentos historicamente acumulados.

Ao visitar uma dessas escolas públicas, ouvi o seguinte depoimento: um dos educandos foi indagado por um visitante se aquela escola era inclusiva. Após meditar por alguns instantes, o educando afirmou que aquela não era uma escola inclusiva, pois nela não existia a exclusão e, portanto, não havia a necessidade de inclusão.

Em outra escola pública, presenciei o relato de um pai que transferiu seu filho, um adolescente com autismo, da escola privada para essa escola pública, em função da ausência de aprendizagem constatada na escola anterior, além do desinteresse do jovem em frequentá-la. Na escola atual, o adolescente, além de gostar do ambiente escolar, se destaca em atividades de matemática e coordena um grupo composto por outros jovens voltados à atividade de jogos, raciocínio lógico e de estratégia no contraturno escolar.

Essas práticas exitosas possibilitam afirmar que a escola pode e deve preparar o educando para a vida e para o exercício da cidadania, acolhendo e incentivando a convivência com a diferença e o reconhecimento do direito de todos à igualdade.

A educação é um direito humano, e como afirmado por Paulo Freire, “não há educação fora das sociedades humanas, pois consiste em uma experiência especificamente humana e é uma forma de intervenção no mundo”.

A educabilidade como condição propriamente humana esboça uma dupla tarefa para a própria educação: inserir o educando no convívio social e ajudá-lo a construir a sua própria individualidade e identidade.

A escola desempenha um papel fundamental no âmbito da construção de relações que respeitem as diferenças, tornando-se um local acolhedor para todos e, consequentemente, um locus de aprendizagem e formação integral. No entanto, muitas escolas ainda conduzem práticas baseadas em imposições de padrões étnicos, religiosos, de sexualidade e de normalidade que excluem e discriminam aqueles que não se enquadram ou que não conseguem alcançar resultados determinados por critérios que tratam de homogeneizar os educandos.

O direito à educação está explicitado no artigo 208 da Constituição Federal, que reconhece que toda criança e adolescente têm o direito à educação na diversidade, garantindo-se o seu aprendizado de acordo com suas potencialidades.

Portanto, é preciso conhecer as características, especificidades e diferenças presentes nos sujeitos, para que seja possível reconhecer, respeitar e responder à diversidade humana.

A educação inclusiva se refere à construção de contextos e ambientes inclusivos que promovam a emancipação, a autonomia e a independência de todos os educandos, respeitando o processo de reconhecimento e atento à diversidade humana e ao acolhimento das diferenças, sejam elas étnicas, de gênero, religiosas, de orientação sexual ou culturais, dentre outras.

No que se refere à pessoa com deficiência, significa dar a ela o direito de ter suas necessidades reconhecidas e atendidas pela escola, pela comunidade e pela sociedade. A educação e a escola possuem um papel central no processo de transformação social e cultural e cabe a elas assumir o compromisso de garantir o desenvolvimento integral das pessoas com deficiência.

A valorização das diferenças e o respeito à diversidade favorece a aquisição do conhecimento e a aprendizagem tanto do educador quanto do educando.

Márcia Kay

Coordenadora do Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo

O DIREITO AO ESPAÇO DE REFLEXÃO NAS ESCOLAS: SOBRE A DIVERSIDADE DE ORIENTAÇÕES SEXUAIS DA POPULAÇÃO ESTUDANTIL

Logo no meu ano de ingresso (2015) na rede de ensino ligada à Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo, lembro-me de desenvolver junto a alunos da EMEF CEU Três Pontes uma oficina de rádio e, antes mesmo de decidir o tipo de programa de rádio que faríamos, compreendemos que tal projeto deveria ser tocado pelos alunos. Ou seja, antes de tudo, era preciso estabelecer quais eram os anseios dos educandos, quais questões os mobilizavam, quais problemáticas os definiam e, portanto, o quanto elas eram passíveis de reflexão. Assim, utilizando determinada e apropriada metodologia, o pequeno grupo de jovens estudantes foi se expondo e uma garota de 13 anos do 9º ano fez um depoimento em que ela dizia se sentir muito mal por ser homossexual e não ser respeitada dentro da escola como ela gostaria, ou ao menos como percebia que os demais alunos que se denominavam heterossexuais eram respeitados, não sendo, portanto, desrespeitados por conta da sua orientação sexual em particular.

Evidentemente, não posso dizer como é para um professor heterossexual ouvir este apelo. Mas imagino que, se ele tem empatia, compreenderá o sofrimento dessa adolescente e irá procurar aceitar tranquilamente o seu pedido de ajuda para este grupo no qual ela confia; neste caso, os amigos de interesse em comum, como este de procurar uma oficina de rádio da escola. Percebo, no entanto, que ela também sentiu confiança suficiente no professor que coordenava a oficina, assumindo diante dele sua orientação sexual, bem como sua convicção de que a escola deveria tratar desta temática no programa de rádio que o grupo, por fim, nomeou X-Music – A Rádio de Todas as Tribos. Lembro-me de que naquela ocasião alguns colegas de trabalho, também educadores, ao saberem do apelo da aluna, questionaram sua orientação e perguntaram: “Será que ela é mesmo homossexual? Nessa idade, não há confusão?” Eu lhes respondi que não era isto o que estava em questão, se a orientação daquela aluna em particular era “verdadeira ou não”, mas a necessidade de se tratar da temática, uma vez

que tantos permanecem no pacto do silêncio sobre o assunto dentro da escola, por isso ser cômodo para todos os que preferem perpetuar a homofobia institucionalizada e que silencia aqueles que não têm a mesma coragem que a garota revelou, perpetuando um sofrimento desnecessário e que pode se prolongar por longos anos, vida afora.

Assim sendo, os adolescentes que naquele ano divulgaram a pluralidade de gostos musicais naquela EMEF, também anunciaram nas entrevistas que fizeram com diferentes tribos da escola a questão da necessidade do respeito à diversidade, incluindo a de orientações sexuais, como condição necessária para a convivência pacífica e saudável entre aquelas diversas tribos de jovens que conviviam no mesmo espaço.

No ano seguinte (2016), migrei de escola, e já no primeiro semestre tive acesso ao curso para formação de professores, na DRE Penha, chamado Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo, uma realização da Imagem da Vida com o apoio da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo e do FUMCAD – Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Tal curso foi todo centrado na educação para os Direitos Humanos, a partir da valorização do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e em fomentar a cultura de tolerância que precisamos vivenciar nas escolas e na cidade, valorizando negros, indígenas, imigrantes, mulheres, pessoas com deficiências, idosos e comunidade LGBT. Como parte do processo de formação, fomos convidados a voltar para as nossas turmas em sala de aula e desenvolver algum trabalho que respondesse a quaisquer desses vértices – do que, afinal, pode naturalmente ser entendido como representação da diversidade na cidade.

Mais uma vez, achei por bem que os meus alunos fossem iniciados na questão da necessidade de reflexão sobre a valorização da diversidade, sem eu próprio escolher por eles o foco da atenção. Não apenas para resguardar o papel autoral que se lhes propõe cada vez mais na educação voltada para

a autonomia, mas também porque quando se é um professor homossexual, até mesmo tratar deste tema em sala de aula é interpretado, muitas vezes, como se tal professor estivesse advogando em causa própria... No entanto, como não ser impositivo quando se quer fazer compreender que valorizar a diversidade é respeitar as diferenças? Como fazer isto de um modo equilibrado? A melhor saída, pensei, seria suscitar às turmas questões primárias, elaboradas para conhecer o terreno das diversas ideologias presentes naquelas individualidades e nos grupos diversos dentro da escola e que poderiam ser conflitantes. Assim sendo, quando eu obtivesse as variadas respostas, poderíamos analisar cada uma delas e desenvolver junto aos próprios alunos a prática de uma espécie de “sentencição”, por assim dizer, de qual seria, afinal, o grau de aceitação possível daquelas posturas reveladas nas respostas às questões. Perguntamos: 1) O que é ser diferente?; 2) Quando é que as pessoas dizem que alguém é “diferente”?; 3) Ser diferente das outras pessoas é “normal” ou “anormal”? Por quê?; 4) Caetano Veloso (cantor da MPB) disse certa vez que “de perto ninguém é normal”. O que você entende por isso? Você concorda com ele? Por quê?; 5) Em inglês, a palavra unusual significa incomum. Você acha que isso pode ser um elogio? Por quê?

Combinamos com cada turma que uma faria a avaliação das respostas a essas questões dos educandos de outra turma, observando-as em termos de adequação e sempre pensando em um escopo de porcentagem. Desse modo, a resposta com um nível de 0% de adequação ao perguntado seria aquela que fugisse completamente ao assunto tratado na questão e não tangenciasse em algum grau o que fora ali solicitado, ou, ainda, que demonstrasse preconceito em relação à diversidade, assim como algum grau de desrespeito à diferença. E, por outro lado, aquela resposta que apresentasse um nível de 100% de adequação seria a que respondesse o mais plenamente possível ao perguntado, ainda revelando um profundo grau de respeito à diferença, valorizando a diversidade na nossa escola, cidade e país.

Quão grande foi minha alegria, e até com certo grau de surpresa, quando vi que as turmas naturalmente diziam que era 100% adequada uma resposta à pergunta nº 1, como esta: “Ser você mesmo, não ir pela cabeça do outro, somente ir pela sua cabeça. (100%)” E, ainda, consideraram absolutamente inadequada a resposta para a mesma pergunta, “Ser diferente para mim é alguém ser lésbica (sapatão) porque Deus criou as mulheres para o homem! (0%)” Ou, ainda, as seguintes respostas à pergunta nº 2: “Quando as pessoas viram gays ou sapatões, só (0%)”; “É quando uma pessoa não gosta das mesmas coisas que as outras pessoas gostam, isso as torna diferentes. (100%)” O grau de adequação era, evidentemente, votado, não sem antes ouvirmos as defesas daqueles que sugeriam este ou aquele grau de adequação, e a vontade da maioria prevalecia.

É importante que compreendamos que trabalhar o respeito à diversidade dentro da escola é fundamental e que aprofundar o debate em torno da valorização da diferença, sobretudo aquela que demarca a comunidade LGBT no mundo, não é meramente uma bandeira vazia ou que seria oriunda de uma inspiração, quicá conspiratória, como costumam defender aqueles que falam em “ideologia de gênero”, mas tão somente criar espaços metodológicos apropriados para que qualquer pessoa possa dizer a que veio e o quanto deseja ser respeitada na sua individualidade, com seu desejo que é sempre particular, porque cada pessoa é única e tem o direito de se sentir como é, ainda assim fazendo parte de uma coletividade em que, afinal, as outras diferenças também se expressam. Porém, isso tudo sempre sem medo, sem coação, sem sofrer os reveses da ignorância, do terror e da perseguição, num ambiente que deveria prezar pela civilidade e a educação, com é o caso do ambiente escolar.

Josafá Crisóstomo

Bacharel em Letras pela USP, especialista em educação pela PUC-SP, professor de Língua Portuguesa na rede pública municipal e estadual



Capela do Socorro

TERRITÓRIO CAPELA DO SOCORRO

A região da Capela do Socorro, no sul do município de São Paulo, se estende por uma vasta área abaixo dos canais dos rios Jurubatuba e Guarapiranga. Limita-se ao norte com a Subprefeitura de Santo Amaro pelo Rio Jurubatuba; a leste com a Subprefeitura de Cidade Ademar e os municípios de Diadema e São Bernardo do Campo, dos quais estão separados pela Represa Billings; a oeste com a Subprefeitura de M'Boi Mirim, pelo Rio Guarapiranga e a represa homônima; e ao sul com a Subprefeitura de Parelheiros. Formada pelos distritos de Socorro, Cidade Dutra e Grajaú, tem superfície de 134 km², que corresponde a 8,8% da extensão do município. Cerca de 90% de seu território estão em área de proteção aos mananciais responsáveis pelo abastecimento de 30% da população da região metropolitana de São Paulo.

A ocupação da Capela do Socorro está estreitamente relacionada à expansão e à estruturação urbanas da Subprefeitura de Santo Amaro, à qual esteve administrativamente ligada até 1985.

Sobre épocas anteriores, existem informações de que esta região era habitada por índios tupis, que ocupavam vários pontos do sul do Brasil e o litoral. Já no século XX, os guaranis, subgrupo tupi, no curso de seu processo migratório, chegaram a Parelheiros e lá se fixaram. Remanescentes desse núcleo são as duas aldeias existentes na área da Subprefeitura de Parelheiros: Crucutu e Tenondé Porá.

Outras referências à Capela de Socorro são encontradas em documentos dos anos que se seguiram à independência do Brasil. Naquela época foram realizadas tentativas de atrair para o Brasil a imigração europeia. Em 1827 e no ano seguinte desembarcaram em Santos os primeiros grupos de colonos alemães, dentre os quais pouco mais de 120 que aceitaram terras devolutas em Santo Amaro, localizadas em Colônia, na Subprefeitura de Parelheiros. Ao contrário das colônias alemãs no sul do Brasil, esta não conseguiu preservar muitos aspectos de sua tradição cultural e quase nada resta dessa experiência colonizadora – apenas famílias como a Schunk, a Reimberg, a Roschel e a Hessel, entre outras poucas que ainda residem na região.

O interesse pela região da Capela do Socorro desponta nas primeiras décadas do século XX, após a construção das barragens erguidas após a grande seca de 1924, que deu origem à Represa Billings, situada entre São Paulo e São Bernardo do Campo.

As represas criaram um potencial de lazer, ensejando intensa especulação imobiliária em torno de loteamentos para construção de equipamentos recreativos. A construção da autoestrada Washington Luís, em 1928, ligou o Ibirapuera a Interlagos, impulsionando ainda mais o desenvolvimento das atividades recreativas da região.

Apesar dos grandes investimentos para criar infraestrutura urbana e das melhorias rodoviárias feitos por incorporadoras imobiliárias na década de 30, os empreendimentos não evoluíram; anos depois, apenas algumas dezenas de famílias haviam se instalado na região, em meio a quarteirões completamente vazios.

Até a década de 40, a Capela do Socorro era ainda pouco ocupada. Mas esses anos marcam o início do processo de abertura de loteamentos industriais em Santo Amaro, que, pela proximidade, começaram a afetar a dinâmica urbana da região. Os trabalhadores das empresas de Santo Amaro encontraram, na Capela do Socorro, um área acessível para morar.

Em um meio essencialmente rural, desenvolveram-se vários povoados ao longo de estradas locais, à medida que elas passaram a ser percorridas por linhas de ônibus. Entre esses núcleos, Rio Bonito e Vila São José foram dois povoados que se transformaram posteriormente em polos em torno dos quais surgiram densos subúrbios.

Cidade Dutra é outro exemplo de bairro popular que surgiu na década de 40. Mas, ao contrário dos outros dois mencionados acima, foi planejado e construído com o objetivo de atender a demanda habitacional dos trabalhadores ligados a uma empresa de transportes que se instalou na região, que não só foi a responsável pelo loteamento, como pela construção de um grande conjunto residencial dotado de toda a infraestrutura urbana. Na época em que foi construída, Cidade Dutra se en-





contrava completamente isolada, mas representou uma experiência pioneira na região, que passou a exercer função polarizadora no desenvolvimento de seus arredores.

Outros bairros continuavam a se formar como resultado de iniciativas imobiliárias, por meio de loteamento de glebas quase sempre sem preocupações urbanísticas ou outros critérios além da obtenção de lucros.

Nas décadas de 50 e 60 o estado de São Paulo viveu intenso processo de expansão industrial, com importantes alterações no padrão de localização da indústria mais moderna e de maior porte. Na cidade de São Paulo, esse processo teve como um de seus aspectos a ampliação do parque industrial de Santo Amaro, que se consolidou como um dos mais importantes polos de emprego industrial da região metropolitana. A disponibilidade de áreas, as facilidades de transporte, particularmente com a construção do sistema de marginais do Rio Pinheiros, e a abundância de água e energia, contribuíram para atrair grande número de estabelecimentos industriais, chegando até as proximidades do Largo do Socorro.

O desenvolvimento industrial teve grande influência na Capela do Socorro, que passou a acomodar parte do crescimento urbano da cidade. Afluíram para a região significativos segmentos da população trabalhadora, que buscava áreas ainda não consolidadas e com disponibilidade de terra urbana de baixo custo.

Os novos bairros que então surgiram acompanharam o padrão periférico de expansão urbana que caracterizou o crescimento de São Paulo, particularmente nos anos 70. Os arruamentos penetraram em áreas onde o solo é mais vulnerável à erosão

e com alta declividade, o que as tornam inadequadas à urbanização. Sem dispor de infraestrutura urbana, de equipamentos sociais e distantes do transporte coletivo, grande número de trabalhadores construiu suas casas em lotes na maioria das vezes ilegais.

O crescimento populacional é um importante indicador das transformações ocorridas na região: de 30.000 habitantes em 1960, a população da Capela do Socorro saltou para 564 mil habitantes em 2000.

A partir de 1975 a ocupação da região de Capela do Socorro passou a ser legalmente subordinada à Lei de Proteção dos Mananciais e à legislação de zoneamento industrial. No entanto, a legislação relativa aos mananciais foi insuficiente para conter o avanço da urbanização e a degradação ambiental.

Os limites e a densidade para a ocupação do solo definidos pela lei dos mananciais estabeleceram e dificultaram o licenciamento de empreendimentos na área, o que fez com que os preços dos terrenos se tornassem extremamente baixos. A depreciação do valor da terra, aliada a outros fatores, como uma política habitacional inadequada e a baixa renda dos trabalhadores, impulsionou o surgimento de inúmeros loteamentos clandestinos e de cerca de duas centenas de núcleos de ocupações informais ao longo dos córregos contribuintes da represa.

Neste contexto, a Diretoria Regional da Capela do Socorro, com 45 escolas municipais de ensino fundamental, atende cerca de 30.000 alunos oriundos dos diversos bairros que povoam a maior região geográfica da cidade de São Paulo.



EMEF DOUTOR AFRÂNIO DE MELLO FRANCO

A EMEF Dr. Afrânio de Mello Franco, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Acâmboro, no bairro Rio Bonito. Em maio de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes e rodas de conversa com 500 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e a importância de respeitar a diversidade, com ênfase nas temáticas imigrantes e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.



Para iniciar as atividades, o arte-educador do projeto explicou a diferença entre imigrante e migrante e abordou o surgimento das fronteiras e aspectos do período colonial brasileiro e dos discursos históricos que impactaram negativamente o lugar do negro e do indígena na nossa sociedade, apagando a contribuição dos povos africanos e ameríndios na formação da identidade brasileira. Os estudantes demonstraram bastante interesse, foram participativos, fizeram várias perguntas e citaram exemplos. Após as rodas de conversa, uma turma de alunos pré-selecionada pela direção da escola participou da oficina de pintura, que aconteceu na sala de artes. O material utilizado foi guache sobre papel *kraft* e os estudantes fizeram trabalhos tematizando a diversidade nas questões étnico-raciais. Eles pintaram representações muito expressivas relacionadas às culturas africana, indígena e europeia. As produções artísticas revelaram a empatia dos estudantes com a temática étnico-racial.

Sobre as atividades desenvolvidas nessa escola, o coordenador pedagógico afirmou: "A temática sugerida na proposta de intervenção da Imagem da Vida, acolhida por esta escola, se converteu, neste ambiente educativo, em mais uma das ações importantes para a formação dos alunos, que sempre estiveram muito sensíveis tanto para os temas dos Direitos Humanos de maneira geral como para as especificidades em torno das questões identificadas com as manifestações culturais afro-brasileiras, já abordadas por nossos professores nas aulas regulares. A contribuição do arte-educador possibilitou a toda a comunidade escolar uma nova oportunidade de aprofundar a discussão e levar essa experiência aos vários campos do conhecimento. Assim, ao elaborar as atividades propostas, na conclusão do trabalho, os educandos puderam exercer a sua criatividade e exercitar a sua cidadania em diversas esferas do saber, como o da história, da língua portuguesa, da geografia, da arte etc."

EMEF PROFESSORA ALDINA ANALIA AGOSTINHA TADDEO CONDE

A EMEF Professora Aldina Anália Agostinha Taddeo Conde, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Francesco Bartolozzi, no Jardim Icaraí. Em maio de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e rodas de conversa com os 590 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas imigração e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.

Nessa escola as oficinas foram acompanhadas pela professora de artes visuais. O desenho em guache no papel *kraft* foi produzido pela turma com a orientação do arte-educador que organizou a atividade. Um momento marcante e muito interessante das ações ocorreu quando um dos estudantes desenhou o mapa-múndi com mãos negras ao redor e fez questão de complementar o desenho posicionando os desertos e as florestas nos lugares correspondentes do mapa. Todos os estudantes que participaram das oficinas buscaram retratar nos desenhos assuntos coerentes com o tema abordado, demonstrando identificação com o assunto e boa interação com o arte-educador, que apresentou aos alunos seus trabalhos em murais espalhados pela cidade de São Paulo e em diversas cidades no exterior.



Os estudantes foram muito participativos, principalmente os alunos dos 8º e 9º anos, que se identificaram com as questões étnico-raciais e compartilharam algumas de suas experiências sobre o assunto.

Em uma conversa com os professores, alguns estudantes defenderam suas posições com firmeza – um aluno fez questão de afirmar que não existe racismo reverso, contra brancos. Eles relataram à equipe que acompanhavam as discussões do movimento negro, levantando a problemática do jovem negro na periferia, a violência da polícia, a falta de oportunidades, a carência de equipamentos de lazer, entre outros aspectos que denotam que a população negra sofre com a discriminação. A conversa com eles foi excelente. Com certeza esses jovens têm muito a nos ensinar.



EMEF PROFESSOR ALMEIDA JÚNIOR

A EMEF Professor Almeida Junior, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Francisco Mendes, no bairro do Socorro. Em junho de 2017, a escola recebeu os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com 400 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas pessoas com deficiência e étnico-racial, que foram os eixos definidos em conjunto com a escola para serem contemplados pelo projeto.

A escola, que fica numa rua sem saída de uma área residencial bastante tranquila, é bem equipada e muito organizada. A coordenadora acompanhou o desenvolvimento das atividades e prestou suporte à equipe. Professores e funcionários foram muito acolhedores e solícitos para que tudo corresse da melhor maneira possível.

Cada apresentação teve duração média de 30 minutos, com uma fala inicial sobre Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades com ênfase na questão étnico-racial e nas pessoas com deficiência. Professores e estudantes participaram, ouvindo e expondo opiniões, o que tornou as ações dinâmicas e participativas.

O prédio da escola é pequeno, o que lhe dá um “ar de casa”, a equipe de direção e os professores conhecem os alunos pelo



nome e esse contexto acolhedor resulta em um ambiente agradável e harmonioso. No corredor principal da escola estão expostas produções dos alunos, resultado dos trabalhos desenvolvido pelos professores em sala de aula.

As oficinas do projeto foram realizadas na sala de artes, com o apoio de uma professora que desenvolve trabalhos excelentes com os estudantes. Todos eles demonstraram habilidade com pintura, executaram seus trabalhos com autonomia e produziram bons resultados. Criaram cartazes com desenhos e frases em que transmitem mensagens positivas e de respeito para as pessoas com deficiência e de diferentes origens étnicas.

A conversa com o arte-educador do projeto aconteceu no pátio principal da escola e contou com a presença de todos os alunos, professores e da coordenadora. Foram abordadas questões históricas e, com o apoio de um projetor, o artista mostrou imagens de seus trabalhos como grafiteiro e muralista em vários países, o que despertou interesse e curiosidade por parte das crianças. As discussões fluíram muito bem e os participantes fizeram muitas perguntas e trocaram experiências.



EMEF PROFESSOR AYRTON OLIVEIRA SAMPAIO

A EMEF Professor Ayrton Oliveira Sampaio, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Júlia Maméia, no Jardim Santa Fé. Em maio de 2017, a escola recebeu os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de artes visuais e conversas com 691 estudantes sobre Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas pessoas com deficiência e questões étnico-raciais, que foram os eixos definidos em conjunto com a escola para serem abordados nas ações.

A coordenadora recebeu muito bem a nossa equipe, as professoras, que demonstraram bastante interesse pelo projeto, pediram referências e indicação de outros projetos que tratam da questão da diversidade. A escola é muito organizada e tem trabalhos dos estudantes expostos nos corredores.

O arte-educador conversou previamente com a equipe de direção e professores, que colocaram questões que consideravam importantes abordar com o coletivo escolar, tendo em vista a comunidade na qual a escola está inserida. Foram escolhidos os eixos étnico-racial e pessoas com deficiência para serem trabalhados com os estudantes.

Após a apresentação do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo, foram tratados aspectos do ECA e conduzida uma discussão sobre respeito e valoração das



diversidades com foco na questão étnico-racial e de pessoas com deficiência. Os estudantes participaram ativamente das conversas, fizeram perguntas e compartilharam experiências pessoais.

Nas oficinas com o arte-educador, pintaram cartazes que tematizavam a diversidade. Entre os estudantes havia uma menina haitiana, que foi convidada a participar da pintura dos cartazes e compartilhou com os colegas um pouco dos saberes e da cultura do seu país.

A produção artística dos estudantes foi séria e cuidadosa e os desenhos produzidos nas oficinas apresentaram pessoas com deficiência e pessoas negras em lugares de destaque e empoderamento, retirando desses grupos estereótipos negativos e preconceituosos.



EMEF CARLOS FRANCISCO GASPAR

A EMEF Carlos Francisco Gaspar, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Hans Christian Andersen, no bairro Cidade Dutra. Nossa equipe de arte-educadores foi recebida em maio de 2017, quando realizou apresentações de contação de histórias para um público de 756 estudantes. Ocorreram também oficinas de mediação de leitura sobre as temáticas gênero e étnico-racial, que são eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

Destacado na paisagem, o prédio da escola possui vários pavimentos, o que dificulta o trabalho dos coordenadores e professores, que despendem parte do tempo nos deslocamentos internos, mas o ambiente escolar é agradável e bem cuidado. Do alto podemos perceber que a comunidade enfrenta vários problemas de infraestrutura.

A chegada da equipe à escola teve como anfitriões, além da equipe de gestão e dos professores, os estudantes, que garantiram uma calorosa recepção. A exposição-veral do projeto sobre Direitos Humanos foi fixada no corredor da escola, no primeiro andar, e a exposição sobre diversidade no portão de entrada da EMEF, o que permitiu visualização privilegiada para professores, alunos e familiares.



As atividades foram realizadas na sala multiuso, cujo espaço foi preparado para receber as diversas turmas de alunos do Fundamental I e II, e contaram com a participação da totalidade dos alunos e professores, assim como de alguns funcionários.

Cada apresentação teve duração em torno 30 minutos, com uma fala inicial sobre Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades. A apresentação foi acompanhada por um grupo de jovens jornalistas, que filmaram e fotografaram as atividades com o intuito de usar as imagens para replicar posteriormente as ações na escola. Foram 6 apresentações, nos períodos da manhã e da tarde. A receptividade dos alunos foi muito boa. Eles se mostraram interessados, e era visível no rosto de todos estarem gostando da contação e dos personagens, que foram movimentados pelas mãos e pelos pés do arte-educador. As obras utilizadas como referência para tratar as temáticas étnico-racial e gênero foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. Em meio a uma das apresentações, um aluno gritou que a personagem tinha cabelo ruim e feio, mas, criticado por outros alunos que participavam da atividade, imediatamente silenciou, demonstrando que os demais tinham empatia com a personagem, que sofre preconceito por usar *black power*.

Depois de assistirem a apresentação, em oficinas os alunos criaram bonecas inspiradas nas personagens com quem mais se identificaram. Os quatro personagens são, Ana, que usa cabelo *black power*, Ciça, baixinha e gorda, Camila, que se veste de menino, e a pessoa que xinga Ana por ter "cabelo ruim". Apenas um menino se identificou com o agressor, mas logo depois desistiu e fez uma boneca de Ana. Os demais retrataram Ana e Camila.

Os alunos se mostraram bastante interessados e participativos, interagindo nos comentários sobre o tema com os colegas no grupo. Foi gratificante ver o quanto eles estavam atentos para reagir às brincadeiras de mau gosto que surgiram. É perceptível que a escola desenvolve um trabalho sobre a temática da diversidade, pois já se pode colher os resultados na postura dos estudantes.

CEU CIDADE DUTRA

O CEU Cidade Dutra, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizado na Avenida Interlagos, em Interlagos. Em junho e agosto de 2017, a unidade recebeu a equipe do projeto e foi definida a sequência das ações, que englobaram a participação da coordenadora do projeto em reuniões de professores, oficinas de artes visuais e conversas com 652 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas gênero e pessoas idosas, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados com os alunos.

A equipe do projeto visitou o CEU EMEF Cidade Dutra diversas vezes e participou de três reuniões com professores e coordenadores, trocando experiências e metodologias para tratar o respeito às diversidades em sala de aula. Foi apontado por professores que entre os alunos alguns são criados pelas avós e avôs e, às vezes, apresentam problemas intergeracionais, e que essas dificuldades de entrosamento entre as crianças e os mais velhos por vezes se refletem na escola.

A abordagem do arte-educador nas conversas com os alunos deu ênfase à importância de respeitar as pessoas idosas. Foram citados exemplos de trajetórias de pessoas que se destacaram por toda uma vida, apresentaram-se dados sobre o aumento



da expectativa de vida média dos brasileiros, e reflexões sobre o fato de que os jovens de hoje são os idosos de amanhã. Além disso, durante as conversas, foram lembradas sociedades tradicionais em que as pessoas idosas são valorizadas como fonte de tradições e saberes importantes. Também foi discutida a questão de gênero, machismo e igualdade.

As oficinas e as conversas com os alunos aconteceram no anfiteatro da escola na parte da manhã e da tarde e contaram com a presença de alunos, professores e da coordenadora. Nas oficinas foram criados cartazes com desenhos e frases de efeito passando mensagens positivas de respeito e cuidado em relação às questões de gênero e das relações intergeracionais. Os alunos se mostraram muito eloquentes e embaçados para tratar do assunto, dado que a professora de artes já desenvolve um trabalho nesse sentido.

Para uma das professoras o projeto veio ao encontro do trabalho que a escola já realiza, enriquecendo as abordagens de como o estudante se apropria dos espaços, do conhecimento e da cultura quando participa da construção deste espaço respeitando as diferenças.

Nas palavras do coordenador da escola: "O projeto Olhares Cruzados, seus temas e sua proposta de ação permitem reflexões bastante oportunas na rede municipal de ensino. Trata-se de uma abordagem centrada na participação e no protagonismo dos estudantes. Em nossa unidade, as ações certamente ecoarão muito além dos muros."



EMEF CONSTELAÇÃO DO ÍNDIO

A EMEF Constelação do Índio, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Constelação do Índio, no Jardim Campinas. Em junho de 2017 os arte-educadores do projeto participaram de apresentações de contação de histórias para um público de 705 estudantes e orientaram oficinas de mediação de leitura com foco na temática étnico-racial, que é um dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.



As 5 apresentações foram feitas para grupos que reuniram em média 150 crianças no pátio principal da escola, onde foi montado um palco. Cada apresentação teve duração média de 30 minutos, com uma fala inicial sobre Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades.

Os alunos receberam calorosamente o arte-educador, que, para trabalhar as temáticas étnico-racial e gênero, utilizou como referência as obras *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. Muitos fizeram perguntas relacionadas à questão da discriminação abordada na história. Os alunos menores foram atendidos no período da tarde, e muitos se identificaram e vibraram com a história de Tayó.

Nas oficinas, uma turma selecionada pela escola para ser multiplicadora da atividade com os demais foi dividida em dois grupos para, com base em suas próprias vivências, criarem uma história para apresentar ao grupo maior.

Um dos professores que assistiu a dinâmica disse em depoimento para a equipe da Imagem da Vida: "Nós, da EMEF Constelação do Índio, gostamos muito da apresentação. O tema abordado proporcionou aos professores debater o assunto com os alunos em diferentes momentos. A história, contada de forma lúdica, conseguiu dialogar com diferentes idades do Ensino Fundamental I e também do Fundamental II. Nossa avaliação da peça foi muito positiva, com uma abordagem delicada e original sobre racismo, um tema tão denso e necessário de ser debatido para a construção de alunos e de uma sociedade melhor."

EMEF FREI DAMIÃO

A EMEF Frei Damião, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Daniel Alomia, no Jardim Sipramar. Em maio de 2017, a escola recebeu um dos nossos arte-educadores, que falou sobre Direitos Humanos e o ECA, realizou oficinas de artes visuais e propôs rodas de conversas para 1.200 estudantes com foco nas questões étnico-raciais e na imigração, que foram os eixos definidos pela escola para serem abordados com os alunos.

A intenção das atividades realizadas na escola foi fomentar a valorização e o respeito às diferenças. Para tanto, foram mencionados como referência artistas plásticos que têm alguma ligação com os temas propostos. E, na conversa com os estudantes, o arte-educador focou no processo de colonização do Brasil, procurando salientar a perspectiva dos povos indígenas e das populações vindas de diferentes países da África, destacando sua importância na formação da identidade brasileira e sua contribuição para o desenvolvimento intelectual e cultural do nosso país.

As atividades correram de acordo com o previsto, com a participação dos estudantes de todas as séries, que fizeram perguntas e trouxeram exemplos pessoais para enriquecer as discussões. Na última atividade, um estudante do 8º ano questionou se existia mesmo racismo no Brasil e seus colegas apresentaram opiniões e elencaram suas próprias



experiências, relatando situações vivenciadas que ilustram o racismo no cotidiano escolar. Houve um debate interessante entre os alunos, que fizeram reflexões sobre a questão.

Nas oficinas, os alunos foram convidados pelo arte-educador e pela professora de artes a confeccionar telas inspiradas no tema. A diversidade foi representada em duas pinturas coletivas elaboradas pelos alunos, que desenharam em uma delas o rosto de uma mulher e na outra o de um homem, ambos divididos em diferentes representações de grupos étnicos. O resultado final foi surpreendente, retratando justamente a mistura das etnias e a valorização humana. O trabalho produzido foi selecionado para ser exposto na Mostra Cultural da escola.

Essa escola já desenvolve atividades abordando a temática étnico-racial, sobre população negra e indígena, com diversos programas de inclusão. Segundo testemunho da equipe da escola sobre o projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo: "O projeto desenvolvido aqui na EMEF Frei Damião pela Imagem da Vida agregou e contribuiu para o enriquecimento do debate inserido em nosso projeto político-pedagógico, denominado *A Diferença Contribuindo para a Equidade: Desmistificando o Olhar sobre a Diversidade*, em relação ao resgate de nossas origens, da valorização de quem somos, da equidade, do respeito às diferenças e da beleza do nosso povo."

EMEF PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES

A EMEF Florestan Fernandes, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Avenida Magueritte Long, no Jardim Guanabara. Recebeu os arte-educadores do projeto em maio de 2017, quando foram realizadas apresentações de contação de histórias para um público de 752 estudantes. A temática abordada com os alunos, que também participaram de oficinas de mediação de leitura, foi a étnico-racial, que é um dos 7 eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

As atividades aconteceram nos períodos da manhã e da tarde. Cada apresentação teve uma duração em torno 30 minutos, com fala inicial sobre Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades.

Professores e a totalidade de alunos da escola assistiram a contação de histórias, que teve como referência as obras *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. A plateia atenta, após ouvir o relato do arte-educador, levantou e discutiu questões relativas ao seu cotidiano escolar: racismo, discriminação, intolerância e decepções.

Na oficina de contação de histórias, o arte-educador compartilhou com os estudantes técnicas de mediação de leitura com elementos teatrais e manipulação de objetos. Nesse ambiente descontraído, os alunos contaram suas histórias de vida e compartilharam com os presentes poesias, vivências íntimas e relatos de resistência e discriminação.

A mãe de uma aluna que também participou da atividade compartilhou sua história de vida e emocionou a todos. Após a oficina, a professora da sala de leitura fez uma reflexão sobre o ato de contar histórias e as atividades realizadas ao longo do dia, o que demonstrou uma equipe de coordenadores, professores e alunos muito engajada com a proposta.



A escola é muito bem organizada, com trabalhos artísticos dos alunos expostos nas paredes do prédio. A coordenação da escola preparou previamente um material sobre o trabalho do arte-educador, que foi convidado para participar de um *talk show* muito bem produzido por uma equipe de estudantes talentosos.

Na visão da escola, atividades como a contação de histórias contribuem para fazer as crianças desenvolverem seu imaginário, seus valores e suas habilidades.

EMEF PROFESSORA GENY MARIA MUNIZ ALMEIDA KLEIN PUSSINELLI

A EMEF Professora Geny Maria Muniz Almeida Klein Pussinelli, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Antônio Calixto da Silva, na Vila Santa Maria. Em maio e junho de 2017, a escola recebeu os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com 708 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas étnico-racial e pessoas com deficiência, que foram os eixos definidos conjuntamente com a escola para serem abordados nas ações com o coletivo escolar.

A história da EMEF Geny Maria com o respeito às diversidades e aos Direitos Humanos é anterior à implementação do projeto. Em 2015, Alexandre Keto, um dos nossos arte-educadores, havia realizado uma pintura em um dos muros da escola com a representação de uma mulher negra de turbante, que remete às nossas origens africanas. O mural, que entrou para o cotidiano dos estudantes e moradores do bairro, simboliza a presença do negro na identidade brasileira.

Ao retornar à escola em 2017, os arte-educadores conversaram com os estudantes sobre as questões étnico-raciais e o resultado foi uma nova pintura, agora no mural interno do pátio da escola. O desenho, elaborado pelo muralista, foi pintado conjuntamente por estudantes e professores, que contaram com o auxílio especial do aluno Gabriel, que ficou até depois de seu horário de aula para acompanhar todo o processo, ajudando o arte-educador na finalização dos detalhes.

A coordenadora da escola deu o seu depoimento a respeito das ações realizadas: "O projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo promoveu o feliz reencontro do artista Alexandre Keto e a nossa comunidade escolar da EMEF Professora Geny Maria Muniz Almeida Klein Pussinelli. O arte-educador esteve por aqui pela



primeira vez em 2015 e nos deixou um grafite na entrada da unidade. Neste ano de 2017, com o apoio da OSCIP Imagem da Vida, pudemos ampliar a proposta de discussões com nossos alunos sobre as relações étnico-raciais e a inclusão. O respeito à diversidade é um tema fundamental para os estudantes, tanto crianças como adolescentes. Novamente conseguimos, com a participação de um grupo de alunos, deixar um registro de nossas reflexões destes encontros na forma de um painel pintado pelo artista e nossos alunos-artistas."

EMEF HEITOR DE ANDRADE

A EMEF Heitor de Andrade que pertence à Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro está localizada na Rua Deputado Adib Chammas, no bairro Veleiros. Recebeu em outubro de 2017 os arte-educadores do projeto que realizaram apresentações de contação de histórias para um público de 700 estudantes. Ocorreram também oficinas de desenho sobre a temática intergeracional e pessoas idosas que foi o eixo definido pela escola para ser abordado.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram feitas na sala de vídeo, na sala de aula e no palco do pátio coberto. As histórias contadas nessa escola foi: *Coração de papel: Uma história sobre diversidade!*, uma obra escrita pelo arte-educador Arô Ribeiro inspirada na biografia do queniano Kimani Ng'ang'a Maruge, que, na história chama-se Antonio, um senhor de 84 anos que precisa saber o que está escrito em uma carta que recebe. Como não sabe ler e não quer que ninguém leia a carta antes dele, resolve voltar para a escola. O único problema é que a sociedade local não aceita que um homem idoso estude em uma escola de crianças. Ali nasce o conflito que a professora terá que resolver com seu aluno, que se tornará, na vida real, um símbolo do direito ao estudo.

O aluno Henrique disse que o que mais gostou na peça foi o momento em que o ator começou a cantar "Brincar de coração", pois achou muito emocionante e contou: "As pessoas podem ser de jeitos diferentes, não se pode julgar pela cor, pela idade, pelo gênero... não podemos julgar!". A professora de leitura se emocionou muito com a peça: "Belíssima a ideia da peça, sobre aceitarmos as diferenças, o tema dos idosos é muito importante. Vou confessar que me surpreendeu quando o ator vestiu o pé com o personagem! Foi bem diferente."

A oficina foi realizada em uma sala, onde as crianças criaram um desenho baseado na história que ouviram. Foi uma grande conversa com os alunos e com a professora de inglês que acompanhou toda a atividade, a coordenação se mostrou extremamente preocupada com o tema e deu todo o apoio para o evento, que celebrou os 20 anos da escola.



EMEF JOÃO DA SILVA

A EMEF João da Silva, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Conquista Popular, na Vila Nascente. Nessa escola os arte-educadores do projeto realizaram, em setembro de 2017, oficinas com alunos e apresentações de contação de histórias para um público de 931 estudantes, ilustrando as temáticas do ECA, dos Direitos Humanos e da diversidade, com ênfase nas temáticas gênero e étnico-racial.



Em 2016, o Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo contou com a participação de membros da equipe da EMEF João de Deus nos cursos e sensibilizações para professores e coordenadores, estabelecendo a primeira relação com a escola.

Em 2017, a nossa equipe foi recebida pela assistente de direção, que apresentou a escola e os espaços e, com a professora de educação física e o professor de informática, definiu que as atividades seriam realizadas na quadra coberta, onde colocaram cadeiras e forro no piso para que os alunos se acomodassem confortavelmente.



As obras utilizadas como referência para tratar as temáticas étnico-racial e gênero foram *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. Os alunos mais velhos e mais novos ouviram atentamente a narração sobre a menina Ana, que em seu primeiro dia de aula vai para a escola muito feliz com seu bonito *black power*, mas é surpreendida pelos colegas, que a chamam de “cabelo ruim”. Foi perceptível a empatia da plateia com a personagem, que, diante da agressão sofrida pela menina, manifestou solidariedade com ela. Isso se repetiu em todas as apresentações.

Tanto professores como alunos foram muito acolhedores com a nossa equipe. Participaram e se mostraram interessados e receptivos em debater sobre as temáticas tratadas na peça.

Em oficinas, o arte-educador respondeu às perguntas dos alunos, que puderam optar por criar um desenho ou um texto sobre a história que tinham ouvido. Uma das professoras que acompanhou as oficinas em sala de aula foi muito participativa e compartilhou com o grupo que já tinha sido vítima de preconceito racial.

EMEF JOÃO DE DEUS CARDOSO DE MELLO

A EMEF João de Deus Cardoso de Mello, da Diretoria Regional de Ensino Capela do Socorro, está localizada na Rua Manoel Vitorino Pereira, em Jordanópolis. Em setembro de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e fizeram rodas de conversa com o coletivo escolar, composto por 1.094 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase em pessoas com deficiência, que foi a temática definida pela escola para ser abordada com os alunos.



A ação do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foi realizada na sala de leitura da escola. No evento, o arte-educador apresentou a sua trajetória pessoal e profissional e fotos de obras artísticas suas e de outros artistas que representavam pessoas com algum tipo de deficiência. Além disso, conversou com os estudantes sobre a importância de respeitar qualquer deficiência apresentada por colegas, e exemplificou com várias personalidades que geralmente não são associadas às pessoas com deficiência e que desempenharam papéis importantes na sociedade, como o presidente americano Abraham Lincoln e uma atleta paraolímpica famosa. No fim do evento, o arte-educador pediu que os alunos fizessem algum desenho ou dessem um depoimento sobre o tema quando voltassem para sala



de aula. Os alunos que participaram das oficinas orientadas pelo arte-educador utilizaram papel *kraft* e tinta guache para produzir pinturas sobre a temática pessoas com deficiência.

A EMEF João de Deus Cardoso de Mello é uma escola referência em educação inclusiva, e por isso muitas mães de crianças com deficiência a procuram para matricular os filhos. Uma estagiária do projeto Aprender sem Limites, no qual tem a função de acompanhar crianças com alguma deficiência, esteve presente durante toda a ação coordenada pelo arte-educador.

Os alunos se mostraram bastante interessados. Os mais novos fizeram várias perguntas e relatos, principalmente sobre parentes e conhecidos que apresentavam alguma deficiência. Um aluno do 7º ano que se mostrou bastante interessado na oficina nos deu um depoimento da importância que teve a atividade para ele: “Achei bem interessante a atividade e o que mais me tocou, falou bastante comigo, foi sobre a deficiência, que temos que amar o próximo do jeito que ele é, mesmo se ele não tiver uma perna ou um braço, tem que amar ele. Para o mundo aceitar a diferença da deficiência.”

EMEF JOAQUIM BENTO ALVES DE LIMA NETO

A EMEF Joaquim Bento Alves de Lima Neto faz parte da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro e está localizada na Rua São José do Rio Preto, na COHAB Brigadeiro Faria Lima. A escola recebeu o arte-educador do projeto em maio de 2017, quando ocorreu uma oficina de artes visuais e conversas sobre direitos humanos, ECA e a importância de respeitar as diversidades com ênfase nos imigrantes, temática definida com a coordenação para ser abordado com os alunos.

As atividades nesta EMEF iniciaram com uma introdução sobre o projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo e a apresentação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), abrindo caminho para falar sobre imigração. Num primeiro momento, a conversa girou em torno da diferença entre imigrante e migrante, aspectos do surgimento das fronteiras, da colonização do Brasil e o próprio processo de colonização foi revisado pelo ponto de vista indígena e dos africanos trazidos da África para o Brasil na condição de escravos, apontando que, apesar dessas populações não estarem em papéis de protagonismo nas narrativas históricas, sua importância no desenvolvimento intelectual e cultural do Brasil é fundamental. Foram lembrados nomes de artistas plásticos que trabalham o tema e valorizado o respeito às diferenças.



Apesar das diferentes percepções, os estudantes do 1º ao 5º ano foram muito participativos, demonstrando curiosidade sobre o assunto, fizeram perguntas buscando compreender as questões abordadas.

A oficina de pintura aconteceu no dia da família na escola e os participantes utilizando guache sobre *kraft* fizeram desenhos salientando a diversidade, representaram as culturas africanas, indígenas, boliviana e japonesa. Alguns dos estudantes presentes nas atividades revelaram que queriam ser artistas e demonstraram muito interesse pela trajetória do arte-educador que conduziu o trabalho na escola.



EMEF ENGENHEIRO JOSÉ AMADEI

A EMEF Engenheiro José Amadei está vinculada à Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro e localiza-se na Rua Raimundo Lopes, no Jardim Satélite. Em junho de 2017, a equipe dos Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo realizou apresentações de contação de histórias para um público de 636 estudantes e também oficinas de mediação conduzidas por um dos nossos arte-educadores que se focou na temática étnico-racial, um dos eixos abordados pelo projeto.

A articulação para a realização do projeto na escola foi por meio de uma reunião com os coordenadores pedagógicos realizada na DIPED da Capela do Socorro, onde a coordenadora demonstrou interesse em participar após assistir a apresentação da proposta. A EMEF Engenheiro José Amadei já vinha desenvolvendo um trabalho sobre diversidade com a participação de professores e alunos. O projeto contribuiu para fortalecer essa iniciativa.

O espaço físico da escola é amplo e muito bem equipado e a comunidade do entorno possui uma boa infraestrutura urbana. As atividades aconteceram em dois momentos: manhã e tarde, com a participação de todos os alunos. Foram oito apresentações com uma duração média de 30 minutos e uma fala inicial sobre Direitos Humanos, ECA e a importância do respeito às diversidades.

As obras utilizadas para a contação foram *O mundo no black power de Tayo* e *Cabelo ruim?*. Durante os eventos, os alunos se mostraram interessados na história e formularam muitas perguntas ao término de cada uma das apresentações. Uma das perguntas recorrentes foi se Ana, a personagem principal da história, existia de verdade.

Após as narrações, o arte-educador coordenou a oficina de mediação de histórias, dividindo a turma em quatro grupos.



Cada um deles trouxe para o debate uma história sobre preconceito. Por ser uma escola que já vem trabalhando a temática da diversidade, a comunicação com os alunos e professores fluiu muito bem, todos estavam muito a vontade e participantes.

CEI VEREADOR JOSÉ MOLINA JR

A CEI Vereador José Molina, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Gaspar José Raposo, no Jardim Maria Rita, Cidade Dutra. A escola recebeu os arte-educadores do projeto em junho de 2017. Foram realizadas apresentações de contação de histórias para 132 crianças, que também participaram de oficinas de desenho.



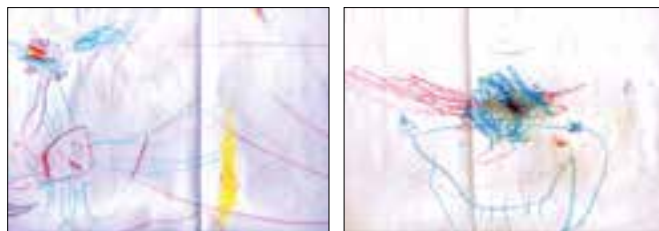
A proposta do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo está voltada para o atendimento de alunos que estejam cursando o Ensino Fundamental I e II. Entretanto, um dos professores que participou dos cursos de formação em 2016 insistiu para que a sua escola fosse contemplada pelo projeto, o que fez com que o arte-educador adaptasse a contação de histórias para uma faixa etária mais baixa.

As atividades aconteceram nos períodos da manhã e da tarde e contaram com a participação de todas as crianças e professores da escola, que haviam fixado previamente a exposição-varal sobre Direitos Humanos e diversidade nas grades de um dos corredores por onde passam as crianças e os pais. As obras utilizadas como referência para a contação foram *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam Oliveira,



e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. As crianças na faixa de 2 a 4 anos foram as mais interessadas, acompanharam com atenção as falas do contador e vibraram com os movimentos dos fantoches. No final das apresentações, os alunos receberam lápis colorido e papel para, individualmente, fazerem desenhos pensando nas histórias que ouviram. Como são muito pequenas, desenharam de acordo com sua faixa etária, brincaram muito e se divertiram.

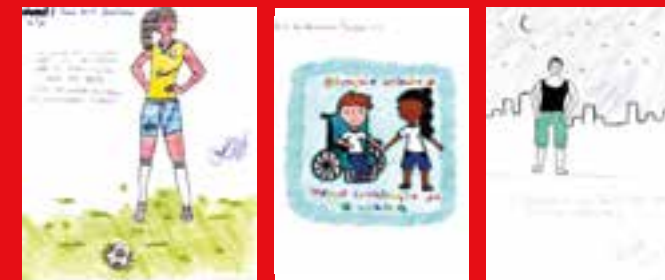
Uma das mães que assistiu à contação de histórias comentou com nosso arte-educador que acha muito importante que projetos sobre Direitos Humanos aconteçam nas escolas, inclusive que acolham as crianças menores, pois desde cedo é importante aprender a respeitar a diversidade.



EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO

A EMEF Padre José Pegoraro, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Portunhos no Parque Cocaia. Em maio de 2017, a escola recebeu os arte-educadores do projeto que realizaram oficinas de artes visuais e uma conversa com os 830 estudantes envolvendo Direitos Humanos, o ECA, questões de gênero e pessoas com deficiência que foram os dois eixos definidos pela escola para serem abordados com os alunos.

As atividades na escola foram iniciadas com uma fala sobre os direitos humanos e o ECA salientando a importância de respeitar as diferenças e estar atento às dificuldades de cada pessoa. O arte-educador trouxe exemplos de figuras marcantes na história da humanidade que tinham algum



tipo de deficiência. Citou Frida Khalo para exemplificar as questões de gênero e também deficiência pelo fato dela ter um problema na perna, sequela de paralisia infantil. Foram abordados aspectos de identidade de gênero, direitos da mulher e feminismo. Frida Khalo também foi escolhida para ser retratada nas oficinas e os participantes fizeram um desenho da artista para ser exposto no mural da escola junto com outras produções de autoria dos estudantes.

Durante a conversa com o arte-educador, os alunos interagiram contando relatos pessoais e fazendo perguntas sobre os dois temas propostos. Com o 9º ano a discussão se prolongou, enquanto alguns estudantes se identificavam e contribuíram na conversa, alguns meninos ofereceram resistência para falar de gênero. O debate foi incentivado, produzindo diálogos enriquecedores. Ao fim das atividades, a Imprensa Jovem entrevistou o arte-educador para o canal da escola.

Nas palavras da coordenadora da EMEF José Pegoraro, "Foram três dias de ação contemplando todos os alunos da escola. Todos se envolveram com o artista e com a proposta. Pena que o tempo destinado a cada turma não foi maior, mas percebemos que o objetivo foi alcançado e entendemos a ação como um pontapé para atividades dentro da escola. Também tivemos contratempos com uma família que questionou as exposições e o tema. Mas isso faz parte...e estamos sempre dispostos a argumentar com a comunidade escolar e esclarecer as dúvidas."

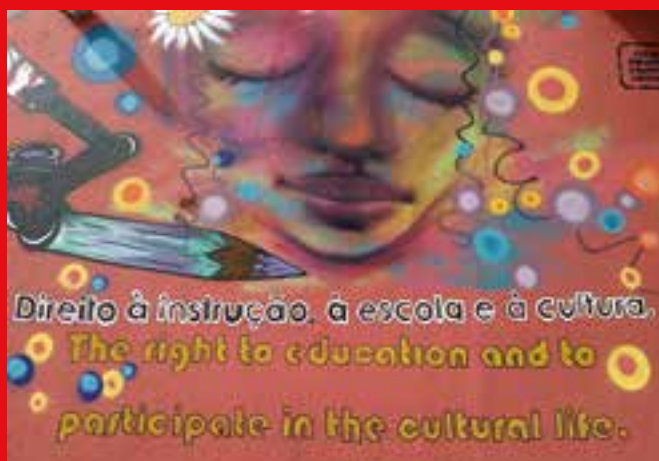
CIEJA LÉLIA GONZALEZ (PARELHEIROS)

O CIEJA Parelheiros, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizado na Praça do Trabalhador, no Jardim Maria Fernandes. Em junho de 2017, recebeu a equipe do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo. Nosso arte-educador contou histórias para 613 estudantes sobre as temáticas étnico-racial, LGBT e intergeracional, que são alguns dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo. Após essa atividade foram realizadas oficinas de mediação de leitura.

Cada apresentação teve duração em torno de 30 minutos, com uma fala inicial sobre os Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades. Para abordar a temática intergeracional, a história selecionada foi a biografia de Kimane Maruge, agricultor queniano analfabeto que, aos 84 anos de idade, resolveu estudar, depois que entrou em vigor em seu país uma lei permitindo educação gratuita para todos. Maruge foi um veterano que lutou bravamente contra as forças de colonização britânicas pela independência do Quênia. Capturado pelos ingleses, foi duramente torturado. Nunca teve chance de estudar quando criança. Acabou virando celebridade nacional e um símbolo da educação gratuita em todo mundo por sua luta pelo direito ao estudo.

Foram feitas quatro apresentações. A história emocionou os alunos do EJA, que foram para o palco do auditório contar suas próprias vivências. Foi um dos momentos que mais sensibilizaram a plateia – professores e alunos os receberam de forma tão calorosa que todos ficaram tocados.

Após a apresentação, nas oficinas de contação de histórias, os alunos foram divididos em seis grupos de trabalho de diferentes idades e cada um deles montou histórias inspiradas em suas vidas. O arte-educador compartilhou algumas técnicas para a formulação e apresentação das



histórias, para que eles contassem suas histórias uns para os outros. Algumas delas, de superação e coragem, emocionaram a todos.

Os relatos narrados e encenados pelos grupos de alunos trouxeram à tona histórias que abordaram abandono familiar, emancipação feminina e as dificuldades das populações LGBT, idosa e deficiente. Foram momentos muito fortes e tocantes.

EMEF LOURIVAL BRANDÃO DOS SANTOS

A EMEF Lourival Brandão dos Santos, que pertence à Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Alba Valdez, no Jardim Reimberg e recebeu a nossa equipe em maio de 2017. Os arte-educadores do projeto fizeram contação de histórias para um público de 437 estudantes e realizaram oficinas de mediação de leitura sobre a temática étnico-racial, que é um dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

As instalações da escola são muito boas, com uma arquitetura peculiar e embora o espaço seja limitado é bem utilizado e cuidado, o que faz o ambiente bastante agradável. A comunidade do entorno, apesar das dificuldades, tem uma boa infraestrutura.

Os coordenadores e professores desde o início foram muito receptivos para a temática da diversidade e a delicadeza com que tratam os seus alunos pode ser percebida no cuidado com os espaços. A exposição-varal sobre Direitos Humanos e diversidade foi previamente fixada nas grades da quadra que fica na entrada da escola, local por onde passam os estudantes e professores.

Foram seis apresentações que ocorreram nos períodos da manhã e da tarde, contemplando todos os alunos e professores, cada uma delas teve uma duração em torno 30 minutos com uma fala inicial sobre Direitos Humanos, ECA e a importância do respeito às diversidades. Foram realizadas na quadra da escola, que foi preparada previamente pela coordenação que fixou cortinas em volta do espaço, montou os equipamentos de som para o evento, preparou o piso para acolher as crianças e jovens que se sentaram no chão.



A resposta do público à contação de histórias foi excelente, interessados pelo tema não despregaram os olhos do arte-educador que manipulava os personagens.

A oficina aconteceu em clima de euforia com um grupo de alunos escolhidos pela coordenação que, após assistirem a história *O mundo no black power de Tayo*, criaram bonecas de retalhos que representavam o que mais haviam gostado na narração. Animado pelo respeito às diferenças um menino que era novo na escola e havia permanecido calado durante toda a apresentação se aproximou do arte-educador e comentou que tinha vergonha de ser gordo porque os colegas o discriminavam por isso.

A professora da sala de leitura relatou: “a proposta dos Olhares Cruzados na Diversidade veio somar ao trabalho que já vínhamos realizando na escola. Foi uma oportunidade em que as crianças interagiram se divertindo, aprendendo, trocando ideias. Após a apresentação diferentes formas de expressão foram colhidas dando continuidade às ações escolares.” Sobre as oficinas, comentou: “É uma oportunidade de aprofundamento na nossa cultura afro. A construção das bonecas também pôde cativá-los a oferecer, presentear ou compartilhar com o amigo a sua criação. Poder contar com o apoio dos Olhares Cruzados foi enriquecedor e formador para o trabalho de nossa unidade escolar. O pomar do Lourival Brandão já estava preparado para a semente lançada pelos Olhares Cruzados. Continuaremos a regar. Há seu tempo os frutos virão... e não tardarão.”

EMEF DOUTOR MANOEL DE ABREU

A EMEF Manoel de Abreu pertence à Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro e está localizada na Rua General Renato Varandas de Azevedo, no Jardim Três Corações. Após um contato inicial com a coordenação, em setembro de 2017, a nossa equipe de arte-educadores realizou oito apresentações de contação de histórias para um público de 1472 estudantes e oficinas de redação e desenho ilustrando as temáticas Direitos Humanos e diversidade, com ênfase em pessoas com deficiência e LGBT, que são alguns dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.



Essa escola possui instalações amplas, é bem equipada e bem cuidada. Atende os estudantes do entorno que moram em um bairro muito extenso, carente de infraestrutura e de equipamentos culturais e de lazer. A coordenadora nos recebeu muito cordialmente, apresentou a escola e os espaços disponíveis para a realização das atividades do projeto que ocorreram na sala multiuso, previamente preparada pela equipe de coordenação.

Cada uma das apresentações contaram com a presença de cerca de 150 alunos, e a história *Cores e Coisas* que abordou os eixos LGBT e pessoas com deficiência, foi recebida com emoção pelos alunos, professores e alguns funcionários presentes. A receptividade da coordenação, dos professores e dos alunos foi muito estimulante para a nossa equipe que registrou: “todos estavam integrados e participativos”. Cada

apresentação teve uma duração em torno 30 minutos com uma fala inicial sobre Direitos Humanos, ECA e a importância do respeito às diversidades.

Durante a contação, a menina Mônica perde a visão e seus dois pais precisam cuidar dela, o que despertou empatia de todos e superou preconceitos. Para o arte-educador a leveza com que todos perceberam essa história é muito gratificante, pois absorveram com naturalidade a diversidade.

Para o aluno Rafael a história inspira as pessoas que têm deficiência e nos ensina que ninguém precisa mudar o jeito que é para ser aceito, comenta: “Acho ruim quando as pessoas zombaram da Mônica no teatro, porque eu tenho asma e sou zoadado também, mas sou perfeito do jeito que sou.”

As oficinas ocorreram com os alunos nas salas de aula com supervisão dos professores e orientação dos arte-educadores. O apoio dos professores, que incentivaram os alunos a participar, foi muito importante e abriu espaço para que alguns compartilhassem suas dificuldades. Uma das crianças colocou que já havia sofrido preconceito por ser obesa.



EMEF PROFESSORA MARINA MELANDER COUTINHO

A EMEF Professora Marina Melander Coutinho está ligada à Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro e localiza-se na Avenida Rubéns Montanaro de Borba, no Jardim Regis. Em maio de 2017, a escola recebeu um dos nossos arte-educadores que falou sobre Direitos Humanos, sobre o ECA, realizou oficinas de artes visuais e propôs rodas de conversas para 700 estudantes com foco nas questões étnico-raciais, que foi o eixo definido pela escola para ser abordado com os alunos.

O arte-educador iniciou as atividades apresentando a proposta do projeto, abordou o ECA, falou sobre os Direitos Humanos e o respeito às diferenças. Para introduzir as questões étnico-raciais, mencionou o processo de colonização do Brasil sob a perspectiva das populações indígenas que aqui habitavam e dos africanos que foram trazidos para serem escravizados. Citou personalidades e artistas negros e indígenas importantes, já que o foco era mostrar a contribuição dessas populações no desenvolvimento tecnológico e cultural do Brasil, apontando para a valorização dos seus legados.

Os estudantes de todas as séries participaram das atividades fazendo diversas perguntas e prestando atenção às falas, colocaram suas opiniões e trouxeram exemplos. Os do 8º ano, que foram indicados pela coordenação para participarem da oficina de pintura, formaram quatro grupos em que cada um pintou referências da cultura africana e afro-brasileira, entre outras: Zumbi e Dandara dos Palmares, Ashanti, Zulu e o Reino de Daomé.

As atividades propostas vieram para somar, pois a professora de artes já estava trabalhando a questão étnico-racial com enfoque na cultura africana. Ela fez o seguinte relato sobre o projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo: “Participei da mediação do Alexandre com um grupo de alunos do 8º ano. Até aquele momento, havia abordado em aula questões étnico-raciais no Brasil e possíveis formas de tratar o tema por meio das linguagens da arte. Desse modo, a proposta do projeto ampliou significativamente as produções dos estudantes, bem como aprofundou conceitos e discussões acerca do assunto. Penso que a abordagem do tema deve ser constante em sala de aula e, sempre que possível, em parceria com projetos que tragam novos olhares e deslocamentos.”



EMEF PROFESSOR MILTON FERREIRA DE ALBUQUERQUE

A EMEF Professor Milton Ferreira de Albuquerque, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Georgina Bocchiglieri, no Jardim Beatriz. Essa unidade de ensino recebeu em maio de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram apresentações de contação de histórias abordando o ECA e Direitos Humanos para um público de 904 estudantes. Ocorreram também oficinas de mediação de leitura sobre a temática étnico-racial, que é um dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

As atividades aconteceram em seis apresentações nos períodos da manhã e da tarde, com a participação de todos os alunos e professores. Cada apresentação teve duração em torno de 30 minutos, com uma fala inicial sobre Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades.

A obra utilizada como referência para tratar a temática étnico-racial foi *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira. A narrativa gira em torno de três personagens: Ana, que usa cabelo *black power*, Ciça, que é baixinha e gorda, e Camila, que se veste de menino. Meninas que diariamente convivem com preconceitos por serem diferentes da maioria. Também foi usada como referência a obra *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto.

Todos gostaram da apresentação feita pelo arte-educador, que manipulou os fantoches intérpretes dos personagens.



As apresentações foram feitas no palco que fica no pátio principal da escola e todos os estudantes demonstraram muito interesse em discutir o papel das personagens.

Na oficina, as crianças produziram bonecas *Abayomi* com retalhos de tecidos e TNT coloridos. *Abayomi* é uma boneca negra feita com tiras de tecidos, sem costura nem cola. São símbolos de resistência e eram confeccionadas pelas mães africanas, que rasgavam retalhos de suas saias e com eles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, para seus filhos.

O arte-educador foi entrevistado pela Imprensa Jovem da escola, que registrou o evento. A coordenadora presente na ação comentou o trecho da contação de histórias em que uma das personagens diz se defender com "agressão" e a outra com a "palavra". Registrou que as turmas de 2º e 3º anos questionaram o sentido de se defenderem com "agressão" ou com a "palavra", valorizando esta segunda opção.



CEU NAVEGANTES

O CEU Navegantes, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizado na Rua Maria Moassab Barbour, no Parque Residencial Cocaia. Em junho de 2017, recebeu a equipe do projeto, que realizou oficinas de redação e de desenho e apresentou uma contação de histórias para 700 estudantes, ilustrando as temáticas do ECA, dos Direitos Humanos e da diversidade, com ênfase em pessoas com deficiência e LGBT, que são alguns dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.



A escola é bem cuidada. Fica em uma região carente de infraestrutura e de equipamentos culturais, tanto assim que o Teatro CEU Navegantes é uma das poucas opções de lazer e, talvez o mais importante para o Cantinho do Céu, comunidade próxima à represa Billings.

As atividades propostas pela equipe do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram realizadas no teatro, que possui 450 lugares. Foram quatro apresentações da história *Cores e coisas*, que abordou os eixos LGBT e pessoas com deficiência para uma plateia composta de alunos e professores da EMEI e da EMEF. "As apresentações foram presenteadas com um comportamento exemplar dos alunos", comentou a coordenadora. A professora de geografia compartilhou com o arte-educador: "Estou muito feliz com a ação, pois ela mostrou aos meus alunos o quanto o mundo é diverso."

Um grupo de alunos escolhido pela coordenação da escola participou da oficina de mediação de histórias, realizada no palco do teatro após as contações. Os participantes falaram o que mais tinham gostado na narrativa e apresentaram suas interpretações sobre as temáticas pessoas com deficiência e gênero.

EMEF OLEGÁRIO MARIANO

A EMEF Olegário Mariano, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Antônio Borges da Fonseca, no Jardim Floresta. Em junho de 2017, a escola foi visitada por arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de artes visuais e conversas com 900 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas indígena, étnico-racial, e pessoas com deficiência, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.



Esta EMEF é bem cuidada e organizada. O local escolhido para a realização das atividades foi o pátio da escola. Os Direitos Humanos, o ECA e a diversidade foram abordados com os estudantes de todas as idades. Houve participação dos professores, que acompanharam suas turmas nos períodos das aulas da manhã e da tarde.

A conversa focou na temática indígena, nas questões étnico-raciais e de pessoas com deficiência. Foram abordadas questões históricas e levantadas perguntas e houve troca de vivências com os participantes.

Nas oficinas de arte, utilizando guache em *kraft*, os alunos criaram cartazes sobre a questão étnico-racial, salientando a importância da valorização das nossas origens indígenas e africanas. Também foi lembrado o cuidado e o respeito que deve permear as relações de gênero. Os alunos do 8º ano foram os mais interessados – alguns deles fizeram questão de permanecer mesmo depois de finalizado o período de aula para terminar suas pinturas e desenhos com cuidado e capricho. Todos se mostraram muito engajados em obter um ótimo resultado no trabalho.

CEU PARELHEIROS

O CEU Parelheiros, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizado na Rua José Pedro de Borba, no Jardim Novo Parelheiros. Em junho de 2017, a equipe do projeto realizou apresentações de contação de histórias para um público de 1.732 estudantes. Complementando essa atividade, ocorreram também oficinas de mediação de leitura sobre a temática étnico-racial, que é um dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.



As atividades ocorreram em um sábado de reposição de aula. As apresentações duraram em média 30 minutos, com uma fala inicial sobre os Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades.

Foram escolhidas como referência para a temática as obras *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. Tayó é uma menina negra muito bonita, que é feliz e cuida com muito carinho do seu belo cabelo *black power*. Mesmo sem saber, ela está trilhando o caminho da juventude americana do final da década de 1960 que criou o movimento *Black power*, que teve como símbolo da negritude o cabelo para exaltar a beleza negra com força e liberdade.

Os alunos demonstraram bastante interesse pela história de Tayó, principalmente os do 7º e 8º anos, que participaram ativamente, questionando o arte-educador e levantando questões sobre a personagem.

Após as apresentações de contação de histórias assistidas por alunos e professores, uma turma de estudantes reunidos na sala de leitura participou das oficinas, nas quais, em grupo, foram orientados a criar coletivamente uma história para apresentar para os colegas. Formaram-se três grupos, com participantes de diferentes faixas etárias. No primeiro momento os estudantes estavam tímidos, mas após verem a animação dos primeiros que se apresentaram descontraíram e compartilharam suas criações.

EMEF PAULO SETUBAL

A EMEF Paulo Setubal, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Francisco de Caldas, no Jardim Ana Lúcia. Em maio de 2017, recebeu a equipe do projeto, que realizou contação de histórias para 707 estudantes e uma oficina de mediação de leitura sobre a temática étnico-racial, que é um dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.



Foram realizadas seis apresentações distribuídas nos períodos da manhã e da tarde, que ocorreram no refeitório da escola e contaram com a participação de todos os alunos e professores. Cada uma delas teve duração em torno 30 minutos, com uma fala inicial sobre os Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades.

Os alunos se mostraram interessados na narrativa e fizeram várias perguntas. A história escolhida para ser referência para a questão étnico-racial foi *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, cuja narrativa gira em torno de uma menina que enfeita o seu cabelo de diferentes maneiras para ressaltar a beleza do seu *black power*.

A história, interpretada por fantoches de forma lúdica, trouxe a reflexão sobre a discriminação pela aparência, o que é importante para a melhoria dos relacionamentos dentro da escola. Todos ficaram surpresos com a criatividade do arte-educador, capaz de contar uma história com os pés, e com a variedade de objetos que surgiam de dentro da sua mala.

Após a apresentação aconteceu uma oficina de contação de histórias com um grupo de crianças, selecionadas pela coordenação por serem multiplicadores das ações. Divididas em quatro grupos, foram instruídas pelo arte-educador com técnicas de contação de histórias e manipulação de objetos. Houve muito interesse em aprender sobre a personagem Tayó e discuti-la, principalmente por parte do grupo de multiplicadores, que era o mais envolvido e participativo.

EMEF PLÁCIDO DE CASTRO

A EMEF Plácido de Castro, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Antônio Mesquita Pereira, na Vila Friburgo. Em maio de 2017, nossos arte-educadores foram recebidos na escola para falar sobre Direitos Humanos e o ECA. Eles realizaram oficinas de artes visuais e propuseram para os 658 estudantes rodas de conversa com foco nas questões étnico-raciais e de gênero, que foram os eixos definidos pela escola para serem abordados com os alunos.

A discussão sobre a temática étnico-racial foi conduzida por meio de uma leitura histórica do nosso passado colonial – fundamental para entender o racismo e o preconceito étnico no Brasil. Os estudantes, de todos os anos, participaram com perguntas e dando exemplos pessoais.

Nesta escola a conversa também abordou feminismo e identidade de gênero, incentivando o respeito e a valorização das diferenças. Durante a fala sobre gênero, uma estudante que não se sente enquadrada nos padrões tradicionais associados à feminilidade se sentiu particularmente tocada, se emocionou e comoveu a sala, que pela primeira vez pode entender os anseios dessa colega. Todos a acolheram e trataram o tema com seriedade e respeito.



O grupo selecionado pela escola para participar das oficinas foram os adolescentes do 9º ano. No início houve certa resistência por parte dos estudantes, mas rapidamente a situação mudou e todos se engajaram e se concentraram nas atividades. Orientados pelo arte-educador, os estudantes confeccionaram dois cartazes, um com a mensagem “respeito” e outro representando um menino que gosta de *funk* segurando um cartaz também com a palavra “respeito”. Os dois desenhos foram idealizados pelos alunos participantes.

A equipe da direção destacou que foi a primeira vez que essa turma se dedicou tanto em uma ação. Um dos depoimentos da escola menciona: “O arte-educador foi super dinâmico, soube entreter bem as crianças e também despertar o interesse dos jovens, que dialogaram bastante entre eles. Inclusive disseram que gostariam de discutir mais vezes esses assuntos: inclusão, gênero e diversidade cultural... Esse trabalho de vocês foi muito produtivo em nossa escola.”



EMEF PLÍNIO MARCOS

A EMEF Plínio Marcos, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, localiza-se na Rua Belém, em Parelheiros, quase no extremo do município de São Paulo. Em maio de 2017, a escola recebeu a visita da equipe do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo, que realizou oficinas de artes visuais e conversou com 800 estudantes sobre Direitos Humanos, o ECA e a importância de respeitar as diversidades, com ênfase na temática “pessoas com deficiência,” eixo definido em conjunto com a coordenação para ser abordado com os alunos.

Quando a nossa equipe chegou à escola a exposição-varal do projeto já estava fixada nas paredes do corredor de acesso às salas de aula, onde foram realizadas as atividades de artes, que reuniram duas ou mais turmas de um mesmo ano de cada vez para participar. Após uma conversa inicial com os alunos abordando a importância do respeito aos Direitos Humanos e às diversidades, o arte-educador colocou em pauta a situação das pessoas com deficiências físicas.

As atividades contaram com a participação de todos os estudantes da escola do 1º ao 5º ano, tanto nas palestras



como nas oficinas de desenho e pintura, em que foram utilizados, entre outros materiais, guache e papel kraft.

A interação com os temas tratados foi diferente de acordo com as idades. Cada grupo teve percepções e compreensões diversas, mas todos demonstraram curiosidade sobre o assunto e muito interesse em ouvir a palestra. Os alunos foram participativos e se empenharam nas atividades, fazendo perguntas interessantes e buscando entender melhor as questões relacionadas às dificuldades cotidianas enfrentadas pelas pessoas com deficiência. Um fato que colaborou para a compreensão do tema foi que em quase todas as salas havia estudantes com algum tipo de deficiência física.

As questões de Direitos Humanos já haviam sido trabalhadas anteriormente pela escola e no corredor principal estavam expostos desenhos muito interessantes produzidos pelos estudantes no ano anterior sobre esse tema.



EMEF PLÍNIO SALGADO

A EMEF Plínio Salgado, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Clarissa, no Jardim Eliana. Em maio de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com 800 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas indígena e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações com os estudantes.



A escola recebeu as atividades do projeto de forma planejada e bem organizada e a direção e os professores foram muito acolhedores com a equipe da Imagem da Vida. Ao verem as cadeiras no pátio da escola, os estudantes ficaram curiosos e queriam saber qual atividade iria acontecer ali – se “um teatro”, uma apresentação. Quando os arte-educadores começaram com as rodas de conversa todos foram se integrando. Fizeram muitas perguntas e demonstraram interesse em saber mais sobre os temas tratados. A cada nova pergunta iam surgindo exemplos, opiniões e colocações.

Os arte-educadores abordaram aspectos do ECA, dos Direitos Humanos e da valorização e do respeito à diversidade.

Falaram sobre o processo de colonização do Brasil, refletindo sobre o lugar do indígena e dos africanos nas narrativas históricas e a discriminação sofrida por alguns grupos. A atividade foi bem recebida pelos estudantes de todos os anos, que demonstraram interesse em entender suas referências étnicas, falando sobre si mesmos e suas famílias, construindo um debate muito enriquecedor.

A oficina contou com duas professoras que estiveram presentes todo o tempo e auxiliaram os alunos, além da coordenadora, que observou atentamente o trabalho dos estudantes. A atividade artística consistiu em pinturas de guache sobre papel kraft. Um dos grupos participantes desenhou um indígena guarani caracterizado de forma tradicional e outro representado como presidente do Brasil. Representaram também um africano da etnia massai, do Quênia, vestindo roupas tribais e uma médica. A ideia do grupo foi desconstruir estereótipos. Em todo processo os estudantes foram bem participativos e dedicados a fazer um trabalho inovador para desconstruir os preconceitos.



EMEF DESEMBARGADOR TEODOMIRO TOLEDO PIZA

A EMEF Desembargador Teodomiro Toledo Piza, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Pelágia Starbulov, no Parque Grajaú. Em maio de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e rodas de conversa com os 1.004 estudantes da escola sobre o ECA, Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase na temática étnico-racial, que foi o eixo definido pela coordenação para ser abordado nas atividades com os alunos.

"O moleque da favela, da pele escura/ É discriminado pela sua cor!/Sente dor, sente revolta/Por essa sociedade preconceituosa/ Muitos burgueses viram a cara/Vendo o menino passando pela calçada/Só pela sua cor, discriminam ele como marginal/Mas ele é só um menino negro, que quer respeito/E os seus direitos!"

As questões étnico-raciais tiveram destaque nesta escola. Para tratar o tema, alguns estudantes escreveram poemas e letras de rap, fazendo críticas pungentes ao racismo, como o trecho da letra acima, composta pela aluna Michele, do 8º ano.

Na conversa com os estudantes, as narrativas construídas sobre o negro e seus símbolos foram abordadas de forma reflexiva, buscando desconstruir preconceitos cotidianos. Depois das rodas de conversa os estudantes seguiram para a oficina, na qual fizeram pinturas em guache sobre *kraft*, que resultaram em trabalhos que valorizaram a diversidade,



pintando desenhos relacionados às culturas africana e indígena. Os alunos foram participativos e desenvolveram suas produções coletivamente, conversando sobre os temas durante todo o processo. Na oficina um dos estudantes queria pintar de azul os olhos de uma mulher egípcia desenhada pelo arte-educador, mas este explicou que a maioria dos egípcios têm olhos escuros e muitos são negros. Os estudantes ficaram surpresos, pois tinham a referência dos egípcios serem retratados como pessoas brancas de olhos claros, e perceberam então que isso também é uma forma de racismo e de apagamento dos negros na história.

Todos os envolvidos nas ações se engajaram contra o racismo e a discriminação. Como consta no poema de Kaiane, do 7º ano: *"Não ao racismo! Não vou desistir/E com fé em ganhar, não vou cair/Sim vou acabar com essa guerra/E a paz reinará na nova era."*



CEU TRÊS LAGOS

O CEU EMEF Três Lagos, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizado na Avenida Carlos Barbosa Santos, no Jardim Noronha. Em agosto de 2017, a escola recebeu a equipe do projeto, que realizou oficinas de redação e de desenho e apresentou uma contação de histórias para 992 estudantes, ilustrando as temáticas do ECA, dos Direitos Humanos e da diversidade.



Foram realizadas seis apresentações da história *Cores e coisas* – Uma história sobre diversidade, obra criada pelo arte-educador Arô Ribeiro inspirada na biografia da jornalista Mônica Vasconcelos, que trabalha as temáticas deficiência visual e LGBT. A personagem principal é cega e cresceu em uma família não convencional, em que os pais são dois homens.

Cada apresentação teve duração em torno 30 minutos, com uma fala inicial sobre os Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades. Elas ocorreram no palco do teatro da escola nos períodos da manhã e da tarde e contaram com a participação de professores e do coletivo escolar. Os temas abordados despertaram a curiosidade dos alunos, sendo que um deles perguntou da plateia: "Dois pais? E a mãe?"

A coordenadora da escola comentou que gostou muito da ação, que havia despertado interesse tanto nas crianças como entre os adolescentes, que teriam mencionado interesse em dar continuidade à discussão sobre inclusão, gênero e diversidade cultural.

Ocorreu também uma discussão em torno do que mais tinham gostado na história e também relatos sobre algum tipo de preconceito. Nas oficinas as crianças se dividiram em dois grupos: aquelas que queriam desenhar a história *Cores e coisas*, e as que gostariam de escrever uma nova história, inspirada na temática de gênero ou pessoas com deficiência. A oficina teve como resultado quatro histórias escritas e dezenas de desenhos.

A mãe de uma das estudantes nos deu o emocionante depoimento: "Acho importante fazer atividades que chamem a atenção sobre pessoas com deficiência, para sensibilizar as pessoas. Minha filha faz tratamento na APAE, muitas vezes a deficiência não está evidente. Era pra minha filha já estar cursando o 4º ano, mas ela reprovou porque ainda não sabe ler nem escrever. Ela tem mais dificuldade que as outras crianças e está na APAE pra descobrir qual é o problema, mas é bom que as pessoas discutam sobre deficiência e sobre preconceito, para estarem mais preparadas para acolher os que são diferentes. Eu apoio essa discussão."



EMEF ULYSSES DA SYLVEIRA GUIMARÃES

A EMEF Ulysses da Sylveira Guimarães, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Conde de Lancaster, no Jardim Santa Fé. Recebeu em maio de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram apresentações de contação de histórias para um público de 1.068 estudantes. Ocorreram também oficinas de mediação de leitura sobre a temática étnico-racial, um dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

As atividades totalizaram quatro apresentações, que aconteceram nos períodos da manhã e da tarde, atingindo o total de alunos da escola. Cada uma delas teve duração de em torno 30 minutos, com uma fala inicial sobre os Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades. Foram realizadas no palco do auditório do colégio, que tem capacidade para acolher 250 pessoas. As obras utilizadas como referência para a atividade de contação de histórias foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto.

Todos os alunos receberam muito bem a apresentação, que foi complementada por fantoches que interpretam os personagens. No final, os participantes tiveram uma discussão sobre o tema levantado.

O grupo de crianças que participou das oficinas foi selecionado pela escola por ter um histórico de multiplicador das ações. A partir de retalhos de tecidos e TNT coloridos os



alunos produziram bonecas *abayomi*, sendo que cada um fez de uma a três bonecas inspiradas nos personagens da história contada. A participação das crianças foi muito animada, elas se divertiram e conseguiram traduzir com muita sensibilidade a obra apresentada.

Esta escola é bastante atuante e participou de vários projetos e programas em 2017, como o Visão do Futuro e o Patrulheiros do Futuro, entre outros. Foi também contemplada com a Menção Honrosa do Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal.

Os ciclos atendidos pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram: 1º, 2º e 3º anos da Alfabetização; 4º, 5º e 6º anos do Ciclo Interdisciplinar; e 7º, 8º e 9º anos do Ciclo Autoral.



EMEF VARGEM GRANDE

A EMEF Vargem Grande, com 1.031 estudantes, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Beija Flor, no Bairro Colônia. Em maio de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de mediação de leitura e apresentações de contação de histórias para o coletivo escolar sobre as temáticas étnico-racial e de gênero, que são eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

O território onde a escola está inserida sofre com a falta de infraestrutura básica e é visivelmente carente de equipamentos de cultura e lazer. Entretanto, as instalações da escola são amplas para atender uma comunidade muito numerosa, que acolheu a nossa equipe muito gentilmente.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo nesta escola, além de estarem voltadas para o respeito aos Direitos Humanos, o ECA e a valorização da diversidade, deram ênfase às questões étnico-racial e de gênero. A exposição-varal que trata dessas temáticas foi fixada nas grades do corredor que separa a quadra coberta e também na entrada do teatro.

A contação de histórias ocorreu em dois turnos: manhã e tarde. Foram sete apresentações com duração média de 30 minutos, usando como referência as histórias *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. A contação foi realizada no palco do



teatro da escola e contou com a participação de todos os alunos e professores.

Essa atividade foi seguida das oficinas com as crianças escolhidas pela escola para participar. Cinco jovens poetas foram revelados, produzindo uma história muito bonita a partir da contação da história de Tayó, a que assistiram. Em outra oficina, foi muito gratificante ver a reação do grupo formado por alunos do Fundamental II. Inicialmente eles demonstraram pouco interesse, mas aos poucos, ao se envolverem nas histórias contadas, foram mudando de comportamento, e o que era para ser uma oficina de mediação se transformou em uma conversa sobre amizade, em que os participantes se emocionaram muito com os relatos vivenciados pelos colegas. As revelações pessoais dos alunos fizeram com que esse evento se tornasse especial, tanto para os arte-educadores como para os alunos participantes.



EMEF VARGEM GRANDE II

A EMEF Vargem Grande II, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Ipê Roxo, no Bairro Colônia. Em junho de 2017, a escola recebeu a equipe do projeto, que realizou oficinas de confecção de bonecas e apresentou uma contação de história para 490 estudantes, ilustrando as temáticas Direitos Humanos e diversidade, com ênfase na questão étnico-racial.

Toda a equipe da escola é bastante engajada em manter a escola bem cuidada e acolhedora para seus estudantes. Quando a nossa equipe chegou à escola a exposição-varal sobre Direitos Humanos e diversidade já havia sido fixada na parede de entrada da secretaria, num local com visibilidade, onde pais e alunos tiveram acesso à proposta do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

As contações de histórias aconteceram na sala de leitura, que foi preparada para receber o evento. Foram seis apresentações, que atenderam a totalidade dos alunos da escola. Cada uma delas teve duração de em torno de 30 minutos, com uma fala inicial sobre os Direitos Humanos, o ECA e a importância do respeito às diversidades.

As obras utilizadas como referência foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. Durante as apresentações os alunos demonstraram empatia pela personagem, teceram



comentários sobre a narrativa e se divertiram com os movimentos dos fantoches. Quando uma das personagens foi agredida por preconceito, uma das meninas disse que o cabelo da personagem era lindo.

A oficina teve a duração de 45 minutos e foi realizada em sala de aula com o apoio da professora de artes. Cada aluno criou uma boneca de retalho de tecidos e TNT colorido representando a personagem da peça com a qual eles mais se identificaram.



CEU VILA RUBI

A EMEF VILA RUBI, da Diretoria Regional de Ensino da Capela do Socorro, está localizada na Rua Domingos Tarroso, na Vila Rubi. Recebeu em maio de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram contação de histórias para um público de 816 estudantes. Ocorreram também oficinas de mediação de leitura sobre a temática étnico-racial, um dos eixos abordados pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

A escola conta com ótima infraestrutura, está muito bem equipada e mostrou-se preparada para receber a equipe para a realização do evento. A exposição-varal sobre Direitos Humanos e diversidade foi fixada no corredor de entrada da escola, por onde passam todos os alunos, professores, pais e visitantes.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo aconteceram durante os períodos da manhã e da tarde. Cada apresentação teve duração média de 30 minutos, com uma fala inicial sobre os Direitos Humanos, o ECA



e a importância do respeito às diversidades. Foram realizadas no Teatro CEU Vila Rubi. As obras escolhidas como referência para a contação foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto.

Foi nessa escola que ocorreu a primeira apresentação da adaptação desses dois livros. A narrativa gira em torno de três personagens: as meninas Ana, Ciça e Camila, que diariamente convivem com preconceitos por serem diferentes da maioria das colegas.

A contação é acompanhada de fantoches e foi muito bem recebida por todos os alunos, professores e funcionários. As crianças interagiram e brincaram com as personagens durante a apresentação, sem perder o foco sobre a seriedade do tema. A oficina foi realizada no palco do teatro com um grupo de alunos multiplicadores escolhidos pela coordenação, que recriaram as personagens da história em bonecas de retalho de pano que eles mesmos confeccionaram.

Em depoimento, a coordenadora pedagógica da escola relata que a experiência foi gratificante para as crianças: "Através das histórias, podemos levar as crianças a viajar no tempo e reproduzir elas mesmas, contribuindo assim para o seu crescimento pessoal. A arte de contar histórias deve se fazer presente, pois pode fazer com que as crianças desenvolvam na fala um vocabulário mais rico, além de contribuir para a interação e a socialização de todos. Durante a atividade as crianças viajaram num mundo mágico e inédito."





Penha

APRESENTAÇÃO DA DRE PENHA

A cidade de São Paulo tem acumulado, nos últimos dois séculos, experiências com sujeitos de tantos lugares que podemos encontrar, dentro da organização institucional da Prefeitura, as marcas desta história. Assim se dá a construção do território educativo da Diretoria Regional de Educação (DRE) da Penha, vinculada à Secretaria Municipal de Educação, que promove o encontro de mais de 63.000 crianças, jovens, adultos e idosos.

Diariamente, mais de 4.000 professoras e professores das 272 unidades de ensino desta região se dirigem aos seus locais de trabalho e celebram o conhecimento produzido pela humanidade, mediando uma relação com a cidade que torna esta experiência magnânima e que precisa ser olhada com a devida atenção. Afinal, quem são os sujeitos da educação deste território? São crianças de Ermelino Matarazzo que ocupam as ruas com seus jogos e brincadeiras, são agrupamentos urbanos que se constituíram na margem leste do Rio Tietê e que lutam por suas moradias em um processo de permanente disputa, são jovens que crescem com os edifícios dos bairros do Tatuapé e Anália Franco em meio a um efervescente comércio, são idosos que saem de seus empregos nas zonas comerciais do Brás e Pedro II e se dirigem à Mooca para consagrarem o seu direito à educação. Assim, na multiplicidade econômica, social e cultural, as escolas da DRE Penha se lançam ao diálogo com outras

formas de vivermos uma cidade para todos e todas, sabedores que não é o lugar em que nascemos que define quais são os caminhos que teremos que percorrer.

Essas conclusões são apresentadas pelos que nos antecederam, como nos apontam as memórias de imigrantes e migrantes que passaram pela Hospedaria do Brás, onde hoje se encontra o Museu da Imigração. Esta simbólica região da DRE Penha e suas igrejas construídas pelos negros da primeira metade do século XX lançam para as ruas e unidades de ensino experiências que precisam ser partilhadas, necessariamente pelo encontro.

Nos últimos 20 anos é possível apontar um envelhecimento da média de idade do território da DRE Penha e a chegada de crianças e adolescentes oriundos de diversos lugares da América Latina, em especial da Bolívia, e do Oriente Médio (com destaque para crianças sírias), assim como adolescentes de países asiáticos, como China e Coreia do Sul. A projeção nacional brasileira dos primeiros anos dos 2000 atraiu famílias de diversos lugares do globo terrestre para um lugar em pleno processo de crescimento que se tornou ponto de encontro entre as culturas que se atravessaram. Nós, professoras e professores, nos lançaremos às garantias do direito universal à educação. Celebremos esta experiência!

Carlos Eduardo (Cadú) Fernandes Junior

Coordenador pedagógico da EMEF Infante Dom Henrique, futura EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus







EMEF PROFESSOR ABRÃO DE MORAES

A EMEF Professor Abrão de Moraes, da Diretoria Regional de Ensino Penha, está localizada na Rua Isaura Vergueiro Naufel, na Vila Nhocuné. Em outubro de 2016, recebeu os arte-educadores do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo, que realizaram oficinas de artes visuais e conversas com 646 estudantes sobre Direitos Humanos, direcionando a discussão para o ECA, os Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas étnico-raciais e imigração, que foram os eixos escolhidos para serem abordados nas ações .

Os primeiros grupos que participaram das rodas de conversa foram os do 3º e do 4º ano. Por conta disso, os arte-educadores abordaram a questão da diversidade de maneira lúdica, mostrando imagens de crianças de diversas origens e diferentes identidades de gênero, para que os alunos pudessem aliciar e refletir sobre as imagens apresentadas. Foi interessante acompanhar a reação das crianças, pois uma das imagens representava uma criança transexual e, apesar da curiosidade despertada, não fizeram nenhum comentário discriminatório. Após essa atividade, nas salas de aula, os estudantes desenharam os seus autorretratos. Uma das professoras comentou que trabalharia com contos africanos nas aulas, para dar continuidade às reflexões sobre a questão étnico-racial.



Em outra turma, os alunos manifestaram o desejo de desenhar colegas e não a si próprios. Como essa turma era de uma faixa etária maior, os arte-educadores puderam trabalhar o tema com mais profundidade, e perceberam que à medida que fluía a discussão sobre as questões étnico-raciais e o combate ao preconceito, o comportamento de alguns estudantes foi mais confiante, demonstrando que a ação tinha surtido um efeito de empoderamento para alguns alunos negros.



EMEF AMADEU AMARAL

A EMEF Amadeu Amaral, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Praça Doutor Toloza de Oliveira, no Jardim Três Marias. Recebeu em setembro de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para 759 estudantes ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram realizadas pela manhã no palco do pátio da escola. A história apresentada para subsidiar a conversa sobre diversidade foi *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, obra criada pelo arte-educador Arô Ribeiro inspirada na biografia da jornalista Mônica Vasconcelos, que discute deficiência visual e questões LGBT.

A ação foi muito feliz, pois os alunos assistiram às apresentações com atenção, levantaram questionamentos e discutiram entre si os temas abordados. Dentre os estudantes que fizeram perguntas estava uma aluna com deficiência física, que compartilhou com a plateia sua realidade, chamando a atenção para as dificuldades que enfrenta em seu cotidiano. Os alunos desta escola já desenvolvem um bom trabalho no que se refere ao acolhimento da diversidade, o que fez com que o depoimento da colega fosse acolhido



solidariamente pelo grupo. A apresentação contou com a participação de alguns pais, que assistiram a contação de histórias.

As atividades realizadas durante a oficina de redação resultaram em pequenos textos em que cada aluno redigiu uma resposta que daria se recebesse uma agressão preconceituosa.

Uma das professoras que acompanhou o trabalho da equipe do projeto deu o seguinte depoimento: "Acredito que hoje nós vivemos em um mundo que tem necessidade de incluir a diversidade e dar voz a todos! Acredito que estas ações, embora ainda sejam esporádicas, são fundamentais para que as crianças comecem a se conscientizar. Também é importante que as famílias participem desse processo educacional."



EMEF ANÁLIA FRANCO BASTOS

A EMEF Anália Franco Bastos, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Avenida Ariston Azevedo, no bairro Catumbi. Em novembro de 2016, a escola recebeu arte-educadores do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo que realizaram uma conversa, seguida de uma oficina de desenho com 736 estudantes sobre direitos humanos com foco no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e o respeito à diversidade.



A atividade começou com uma conversa entre o arte-educador, os estudantes e professores, que foram muito receptivos. A turma foi bastante participativa: teceu comentários sobre os assuntos abordados e foi além do que estava sendo discutido inicialmente.

Os temas tratados foram: origens familiares, costumes, sotaques e preferências. Durante o debate, foi possível perceber uma grande diversidade na composição da turma. Além dos alunos de origem boliviana, outros estudantes revelaram ter origens indianas, francesas e japonesas. Há muita diversidade também no que diz respeito às famílias brasileiras, que vieram de estados como Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Ceará. Essa composição diversificada ofereceu bastante conteúdo para a conversa sobre a importância de respeitar o outro, partindo da ideia de que somos diferentes e é justamente isso que nos faz complementares.

A partir dessa introdução, os estudantes fizeram uma oficina de autorretratos e ficaram muito empolgados. A professora Andreia se mostrou muito participativa e atenciosa com o trabalho, ajudando os alunos sempre que solicitada.



EMEF ARTHUR AZEVEDO

A EMEF Arthur Azevedo, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Parque Butuí, no Tatuapé. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que apresentaram uma contação de histórias para 570 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.

A escola fica próxima à estação Tatuapé do metrô, em uma avenida movimentada. Contrastando com o cinza da cidade, o verde da horta, que foi plantada e é cuidada pelos alunos, humaniza o ambiente escolar.

As atividades do Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo aconteceram na sala de leitura, que é ampla e comportou em torno de uma centena de alunos por apresentação. A exposição-varal sobre Direitos Humanos e diversidade, que apresenta a proposta do projeto, foi fixada no pátio principal da escola, onde são servidos o lanche e o almoço dos alunos.

Participaram das apresentações todos os alunos do Fundamental I e Fundamental II, professores e coordenadores. Foram oito apresentações, divididas entre os períodos da manhã e da tarde, com público médio de 100 pessoas cada.

A história contada foi *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, obra criada pelo arte-educador Arô Ribeiro inspirada na biografia da jornalista Mônica Vasconcelos. Os alunos participaram com entusiasmo, fizeram perguntas, expuseram suas ideias com interesse e pertinência. Um deles questionou porque a Mônica tinha dois pais e não um pai e uma mãe, e, ao ouvir a resposta do arte-educador, pode perceber com naturalidade a diversidade.



EMEF BENEDITO CALIXTO

A EMEF Benedito Calixto, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Luís Medeiros da Silva, no Jardim São Pedro. Recebeu em novembro de 2016 arte-educadores do projeto, que realizaram uma conversa, seguida de uma oficina de desenho, com 1.415 estudantes sobre respeito à diversidade e aos Direitos Humanos com foco no ECA.

A atividade na escola começou com uma conversa entre o arte-educador, os estudantes e o professor Paulo, que participou dos cursos de formação do projeto oferecido em 2016. Ele já havia abordado as temáticas relacionadas às questões de gênero e étnico-raciais com seus alunos. Em depoimento, disse à equipe: "Quero refinar ainda mais meu olhar crítico sobre determinados assuntos e levá-los à tona para discussão."

Os estudantes se mostraram muito interessados nos temas tratados. Interagiram bastante no que se refere à luta pelos direitos e pela diversidade, fazendo perguntas bem elaboradas e apontamentos sobre os assuntos em questão, o que tornou o debate muito enriquecedor. Ao



final da conversa, a pedido do professor, os estudantes fizeram desenhos ilustrando o que entenderam sobre os temas propostos.

Nesta escola a participação do professor Paulo foi muito importante para o processo de trabalho. A equipe do projeto sentiu que o conteúdo do curso foi replicado com os alunos.



EMEF 19 DE NOVEMBRO

A EMEF 19 de Novembro, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Praça Bauxita, na Vila Dalila. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para 600 estudantes para ilustrar as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.

A escola fica em um prédio antigo muito grande. A equipe do projeto foi muito bem acolhida pela coordenação, que preparou uma recepção com café da manhã. Professores e funcionários foram solícitos e deram todo o apoio ao arte-educador, que trabalhou com os alunos em uma atividade de contação de história cuja referência foram as obras *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que discutem questões de gênero e étnico-raciais.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo aconteceram no palco do pátio principal nos períodos da manhã e tarde. Professores, coordenação e alunos participaram e demonstraram muito interesse na história de Tayó. Num dos trechos, quando a



menina, que é negra e tem muito orgulho do seu belo *black power*, sofre uma agressão por ter cabelo crespo, a plateia reagiu com indignação. Alguns alunos gritaram “racista”, “o cabelo dela é bonito”, entre outras manifestações de solidariedade com a personagem.

A oficina foi realizada na sala de leitura para um grupo de alunos escolhido previamente pela escola, que já trabalha a temática étnico-racial. Foi dada continuidade à discussão apontando os momentos mais tocantes na perspectiva dos alunos sobre a história contada. O arte-educador dividiu a turma em grupos e sugeriu que cada um criasse uma narrativa sobre preconceito para no final compartilhar com os demais encenando a história com ajuda de fantoches.

Uma das professoras compartilhou com a equipe acreditar que trabalhos como esse são muito oportunos, principalmente porque a escola está recebendo alunos de várias nacionalidades, e a equipe acredita que tratar a questão da diversidade é fundamental para facilitar a inserção dos estudantes estrangeiros e melhorar a convivência no ambiente escolar. Valorizar as diferenças é essencial, porque é por meio das nossas diferenças que nós nos completamos.

EMEI PROFESSORA DINAH FERNANDES COSTA

A EMEI Professora Dinah Fernandes Costa, da Diretoria Regional de Ensino Penha, está localizada na Rua José Giordano no Parque Paineiras. Em novembro de 2016, arte-educadoras do projeto realizaram atividades com o coletivo escolar composto por 300 estudantes que participaram de oficinas de arte e roda de conversas sobre o respeito à diversidade e os direitos humanos, com ênfase no ECA, focando no direito ao esporte e ao lazer e na importância de brincar.

A ação do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo ocorreu na quadra da EMEI Professora Dinah Fernandes Costa. A atividade foi acompanhada pela coordenadora pedagógica da escola que recebeu a equipe juntamente com professoras que haviam participado do curso de formação oferecido pelo projeto.

A atividade iniciou-se com um exercício físico para descontrair o grupo, primeiramente as arte-educadoras sugeriram às crianças um alongamento que foi seguido de outras práticas. Logo depois, quando o grupo já estava aquecido, teve início a brincadeira “siga o mestre”, na qual os alunos devem reproduzir todos os movimentos realizados por este. Essa dinâmica durou em torno de 15 minutos e todas as crianças foram muito participativas e animadas, pois atividades físicas e brincadeiras que adicionam elementos teatrais facilitam o aumento da consciência corporal de si e da singularidade dos demais, além disso, a atividade desenvolvida acentua nos participantes o exercício da observação visando reproduzir o movimento do líder.

Num segundo momento, as arte-educadoras solicitaram que os alunos realizassem desenhos, e que esses fossem acompanhados por alguma frase ou palavra sugerida pela própria criança, e que a mensagem estivesse relacionada à temática trabalhada na atividade: o direito ao esporte e ao lazer e a importância de brincar.

A atividade foi muito bem aceita pelas crianças e resultou em vários desenhos representando suas famílias, a escola,

brincadeiras e outros elementos do universo infantil. As frases que acompanharam os desenhos, dado que muitos alunos ainda não são alfabetizados, foram ditadas por eles e escritas por um educador. As mensagens reforçaram a importância da família e da alegria das brincadeiras com os colegas: “Minha família é pra cuidar de mim”, “Eu jogando bola com meu pai e meu primo”, “Brincando na escola, no parque, na quadra e na brinquedoteca” e “Eu e meus amigos na escola”.



EMEI EVARISTO DA VEIGA

A EMEI Evaristo da Veiga, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Pierre Janssen, no Jardim Nordeste. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram contações de histórias para 395 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e do respeito às diversidades.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram realizadas no período da manhã no pátio interno da escola e no período da tarde no pátio externo. As apresentações tiveram a participação de todos os alunos e professores, que assistiram a atividade de contação das histórias. As obras usadas como referência foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que trabalham questões de gênero e étnico-raciais, utilizando fantoches que são movimentados pelas mãos e pelos pés do arte-educador.



O grupo da manhã estava um pouco tímido, mas os alunos da tarde estavam agitados e participativos, interagiram com as personagens, comentaram entre si e no final da apresentação fizeram muitas perguntas pertinentes ao contexto da peça. A oficina aconteceu com todas as salas, o arte-educador passou em cada uma das classes perguntando o que mais tinha chamado a atenção dos alunos e pediu para que, individualmente, fizessem um desenho retratando a sua percepção sobre a história assistida.

Os professores da escola apoiaram o arte-educador elencando e colocando na lousa palavras significativas como diversidade, igualdade, amor, discriminação, entre outras que surgiram durante a narração da história. A coordenação e a equipe de professores se mostrou muito preparada, com bastante vontade de proporcionar aos alunos possibilidades para ampliar suas visões do mundo, o que faz com que as crianças se sintam à vontade para discutir os temas abordados sem medo ou preconceito.

A mãe de um dos estudantes deu um depoimento interessante à equipe do projeto: “Eu acho que tem que tratar os temas da diversidade porque não adianta querer fazer um meio de inclusão só, tem que ter um tratamento diferenciado. Porque na sala do meu filho tem um menino com autismo, então tem que ter um tratamento específico para ele, dentro da escola. Mesmo que estejam todos juntos tem que ter um momento com um tratamento especial.”



EMEF DOUTOR FABIO DA SILVA PRADO

A EMEF Dr. Fábio da Silva Prado, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Taquari, no Parque da Mooca. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram contações de histórias para 600 estudantes ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.



A escola é muito agradável, bem projetada, com jardins individuais para cada sala de aula, amplos espaços e muito verde. As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo aconteceram na quadra coberta, que, por ser um espaço aberto, pode reunir grande número de estudantes. Foi possível receber todos os alunos para assistir às apresentações de contação de histórias.

A história selecionada para abordar a temática da diversidade foi *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, obra criada pelo arte-educador Arô Ribeiro. Logo no início da narração os alunos criaram empatia com a personagem Mônica Vasconcelos – jornalista cega que serviu de referência para a criação dessa história, e que foi criada em uma família formada por dois pais homens.

Ao final da apresentação um grupo de alunos perguntou ao arte-educador se poderiam falar com a Mônica para saber mais sobre a sua história de vida. Alguns deles chegaram a entrar em contato com ela para passar mensagens de otimismo e solidariedade.

A oficina de pintura foi realizada em uma sala de aula na qual 30% da turma eram crianças estrangeiras e filhas de imigrantes, na maioria bolivianos e sírios. Os alunos trabalharam com lápis de cor e papel sulfite e elaboraram desenhos relacionados à temática abordada na contação.

Uma das professoras que assistiu a apresentação comentou que ficou muito satisfeita com a narrativa feita para os alunos por dois motivos: primeiro, porque é uma oportunidade que poucos deles têm de assistir uma peça teatral; segundo, por tratar um tema que já foi discutido em sala de aula, mas que agora foi retomado de uma forma lúdica, mais interessante e mais envolvente.

A mãe de aluno que assistiu à atividade deu o seguinte depoimento: “Acho realmente importante falar sobre preconceito, refletir sobre isso na escola, ensinar sobre a diversidade. Acho importantíssimo para que as crianças aprendam desde pequenos a respeitar as diferenças.”

EMEF FIRMINO TIBURCIO DA COSTA

A EMEF Firmino Tiburcio da Costa, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Pedro Morcilla Filho, na Cidade Patriarca. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram contações de histórias para 540 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos e do respeito às diversidades.

A escola está instalada em um prédio bem projetado, com quadras de esporte e um pátio coberto que possui um palco. O quadro de professores é bastante participativo e engajado e, antecipando a chegada da equipe, havia fixado a exposição-varal sobre os Direitos Humanos com foco no



ECA e na diversidade em um local de excelente visualização para todos os alunos: ao lado do palco reservado para acolher o evento.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo aconteceram em quatro apresentações, que abrangeram todas as turmas de alunos. A história contada nessa escola foi *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, obra criada pelo arte-educador Arô Ribeiro inspirada na biografia da jornalista Mônica Vasconcelos que discute dois temas: deficiência visual e questões LGBT. Participaram das apresentações todos os professores e alguns funcionários da escola, entre eles uma senhora que trabalha há 40 anos como inspetora de alunos e chegou a cuidar dos avós de algumas das crianças que hoje lá estudam.

Todos ouviram a história contada pelo arte-educador com muita atenção. Uma das alunas disse que a parte de que mais gostou foi quando a personagem fala que não enxergamos somente com os olhos, mas com o nariz, os ouvidos e a boca também. Outra estudante mencionou que na sua percepção o momento que mais a emocionou foi quando um amigo da personagem principal dá a ela uma bengala, que a ajuda a se locomover com mais segurança.

A oficina virou uma grande conversa com os alunos, que sentaram em roda no palco em volta do arte-educador para trocar reflexões sobre os temas tratados na narrativa e, por meio de desenhos, expressaram suas ideias e percepções.

EMEF FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE

A EMEF Francisco Mont'Alverne, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua São Celso, na Vila Domitila. Recebeu em outubro de 2016 arte-educadores do projeto que realizaram, com 746 estudantes, rodas de conversa, seguidas de uma oficina de desenho, sobre Direitos Humanos com foco no ECA e respeito no à diversidade. Para as atividades nesta escola foi escolhido o tema do direito à dignidade, ao respeito e à liberdade.

A oficina começou com uma dinâmica muito usada no teatro, chamada de "contagem dos números". A atividade consiste na contagem de 1 a 20 em grupo: uma pessoa inicia falando 1, em seguida a outra fala 2 e assim por diante, sem deixar espaço de tempo entre um número e outro e sem que duas pessoas falem o mesmo número. O intuito é que todos prestem atenção no grupo, respeitem a vez do outro de falar e tenham liberdade para escolher quando querem falar.

Nas primeiras tentativas o jogo não passou do número 4, porque os estudantes não estavam se comunicando e por isso não esperavam por sua vez de falar. Vendo essa dificuldade, uma das professoras interveio, sugerindo que as



crianças criassem um combinado para que a atividade fosse feita corretamente e assim distribuiu as responsabilidades entre eles. Após o combinado, os alunos conseguiram chegar ao número 20.

A partir desse momento vários temas foram levantados em conversa com o grupo. O principal foi o étnico-racial, sob o foco da ancestralidade. Muitas professoras, instigadas por outras professoras, contaram a trajetória dos pais, de onde seus pais e avós vieram, e a partir daí desenharam autorretratos. A presença das professoras foi fundamental para a atividade, pois elas conseguiram relacionar a metodologia Olhares Cruzados com a realidade da escola e dos estudantes.



EMEF GUILHERME DE ALMEIDA

A EMEF Guilherme de Almeida, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Faustino Paganini, na Chácara Cruzeiro do Sul. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para 898 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e do respeito às diversidades.



A história contada nessa escola para os alunos do período da manhã foi *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, sobre a temática da deficiência visual e LGBT. Uma das alunas nos disse que gostou da peça porque mostra que a Mônica é uma menina normal apesar do problema na visão e que gostou do personagem que é amigo dela e para ajudá-la busca uma bengala para lhe dar de presente. Os dois pais dela foram os personagens preferidos de algumas crianças, entre elas uma menina que disse ao arte-educador que também queria ter dois pais, "igual à Mônica".

Na parte da tarde a contação foi baseada em duas histórias, *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que subsidiaram a discussão sobre questões de gênero e étnico-raciais. No final de uma das apresentações, uma menina, muito emocionada, contou para o arte-educador que já tinha vivenciado uma situação parecida com a passada por uma das personagens que usa *black power* ao ser agredida por ter o cabelo crespo.

A oficina de arte foi realizada em uma sala de aula, onde as crianças criaram um desenho baseado na história que ouviram. A professora Roberta compartilhou que acha muito importante abordar a questão do preconceito de forma lúdica, para que as crianças entendam a importância de saberem respeitar as diferenças de cada um e dessa forma evitar o preconceito dentro do ambiente escolar, e para que os alunos aprendam a lidar melhor com a diversidade presente no seu cotidiano.

EMEF PROFESSOR HENRIQUE PEGADO

A EMEF Professor Henrique Pegado, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Itapiruna, no Jardim Penha. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que conduziram oficinas de redação e de desenho e apresentaram contações de histórias para 650 estudantes ilustrando as temáticas propostas pelo projeto: Direitos Humanos com foco no ECA e o respeito às diversidades.



As atividades do Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo aconteceram na quadra coberta, cuja acústica é melhor que a do pátio onde está instalado o palco da escola. Os alunos foram divididos em seis turmas para assistir as apresentações. As obras utilizadas como referência para ilustrar questões de gênero e étnico-raciais foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto.

Os alunos mais novos se interessaram pela contação logo no início e foram participativos. Já os das turmas mais velhas estavam mais agitados e tiveram um pouco de resistência, que no meio da apresentação já havia sido superada. Acabaram por participar com entusiasmo, chegando a cantar e a criar músicas novas para a história.

Quando o arte-educador concluiu uma das apresentações, um grupo de meninas negras se aproximou e disse que a história contada era a história delas: "Tenho 13 anos, sou do 7º ano C e a história que ele contou foi a minha porque eu também já sofri preconceito por causa do meu cabelo", disse uma delas.

A oficina foi realizada em uma sala de aula e os alunos foram instruídos a desenhar o que haviam achado mais interessante na história. O grupo se mostrou muito solidário e afetivo, criou desenhos expressivos e a oficina terminou em clima de alto astral, com troca de abraços e fotos dos participantes. Em conversa com a coordenação, foi perceptível o interesse em valorizar a diversidade dentro do ambiente escolar.

EMEF HUMBERTO DE CAMPOS

A EMEF Humberto de Campos, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Avenida Professor Xavier de Lima, no Jardim Hercília. Em setembro de 2017, recebeu os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para 660 estudantes ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo ocorreram no palco do pátio central da escola. As obras que basearam a contação de histórias foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que discutem questões de gênero e étnico-raciais.

A narrativa é acompanhada de uma apresentação de bonecos que são manipulados pelo arte-educador, entre eles, um representa uma menina que usa roupas de menino. Em determinado momento, uma das personagens pergunta para a plateia se eles sabem por que ela veste roupas de menino. A resposta de alguns estudantes foi: "Porque ela é trans". Identidade de gênero é um assunto que a escola se preocupa em tratar, pois foi mencionado o caso de uma criança da escola que não se reconhece como menino e compartilha isso com professores e colegas.

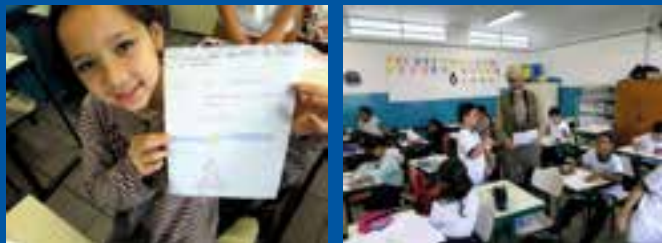
Uma professora mencionou que, justamente no dia da ação, ela comentou em uma classe a importância de aprendermos



a aceitar e respeitar o outro: "Falamos sobre cabelos, sobre uns que são altos, outros magros, outros baixinhos, outros gordinhos, e sobre diversidade de gêneros. A atividade de vocês reafirmou a importância do diálogo". Essa escola já trabalha a temática da diversidade e isso está refletido no ambiente escolar.

Na oficina realizada em sala de aula, um dos alunos perguntou se os personagens realmente existiam. O arte-educador explicou que apenas Camila era real, pois ela realmente se veste de menino para poder fugir da violência do bairro.

A mãe de um dos alunos que assistiu a apresentação fez um comentário sobre o projeto: "Eu tive hoje o privilégio de participar de uma atividade que teve aqui na escola. Gostei porque não são "historinhas", são histórias reais, do cotidiano. Hoje falaram sobre o preconceito e os alunos interagiram, questionaram e participaram muito."



EMEF DEPUTADO JANUÁRIO MANTELLI NETO

A EMEF Deputado Januário Mantelli Neto, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Caiçara do Rio do Vento, no Parque Císper. Recebeu em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação, desenho e contação de histórias para 800 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e do respeito às diversidades.

As atividades propostas pelo Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram realizadas no pátio principal da escola, no fundo do qual foi montada a exposição-varal do projeto. Para o Fundamental I, foi apresentada a história *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, inspirada na biografia da jornalista Mônica Vasconcelos, que aborda as temáticas de pessoas com deficiência visual e LGBT. Para o Fundamental II, a narração usou como referência as obras *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que discutem questões de gênero e étnico-raciais.

Nas oficinas, as crianças debateram e algumas desenharam o que mais chamou a atenção nas histórias contadas. O grupo era formado por alunos de diferentes turmas, entre eles dois com cegueira progressiva.

Um depoimento interessante sobre a experiência de trabalhar o tema da diversidade com os alunos é o do professor Josafá, que em 2016 participou dos cursos de formação



oferecidos pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo: "Eu quis fazer uma reflexão com os alunos que partisse das respostas para algumas perguntas, como 'O que é ser diferente?' e 'Quando as pessoas dizem que alguém é diferente?'. As respostas dos estudantes foram excelentes, entre outras: 'Ser diferente é não sermos todos iguais porque temos personalidades diferentes.' Depois dessa conversa gravamos um vídeo com todas as respostas, dando voz ao protagonismo juvenil. Eu recomendo a todos que façam projetos nessa linha, que levem à reflexão. A gente precisa acreditar que com isso o mundo vai melhorar, na medida em que a gente der espaço para as pessoas descobrirem que para um mundo melhor respeitar o outro é fundamental!"



EMEF DONA JENNY GOMES

A EMEF Dona Jenny Gomes, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua John Neper, no Jardim Coimbra. Recebeu em setembro de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para 850 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e do respeito às diversidades.



Os arte-educadores do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo iniciaram as atividades com contações de histórias para o coletivo dos alunos no pátio da escola. As obras que foram utilizadas como referência para tratar as temáticas étnico-racial e gênero foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto. Ao final do evento, cinco alunos foram conversar com os arte-educadores para dizer que se identificaram com a história. Um dos estudantes se emocionou, pois disse que parecia que estava ouvindo a história dele. A oficina aconteceu depois do evento em uma das salas de aula e o mote para a conversa com os alunos foi a pergunta que o arte-educador fez às crianças: “Como vocês gostariam de ser?” A partir dessa discussão os alunos desenharam autorretratos.

Uma estudante comentou com a equipe que gostou de ver a personagem se defender do racismo e do *bullying* que sofreu. “Eu também sofro muito isso, porque não tenho muitos amigos e as pessoas zombam de mim e eu não gosto disso.” Outra menina disse ao arte-educador: “Achei muito legal a personagem se defender quando falaram mal do cabelo dela: aconteceu a mesma coisa na minha sala”.

A professora Silvana compartilhou com a equipe que está há um ano na escola e que percebe a importância de projetos que discutem Direitos Humanos com os estudantes, pois eles precisam entender o que é ético e o que não é.

EMEF PROFESSOR JOÃO FRANZOLIN NETO

A EMEF Professor João Franzolin Neto, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Pedra Lavrada, no Parque Císer. Recebeu em setembro de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para os 548 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e do respeito às diversidades.

Antes de a equipe dar início às atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo a coordenadora fez a apresentação dos alunos. As turmas foram separadas por idade e assistiram com muito interesse a encenação do arte-educador, que manipulava os fantoches que representam as personagens.

As obras utilizadas como referência para a contação de histórias foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que discutem questões de gênero e étnico-raciais. Em todas as apresentações, no momento em que a personagem Ana é ofendida por causa do seu *black power*, os alunos se manifestaram indignados e se solidarizaram com ela. Uma aluna comentou que gostou muito quando uma das personagens disse que se defenderia do preconceito com a poesia.

Foram quatro apresentações realizadas nos períodos da manhã e da tarde no pátio interno da escola, que é espaçoso e confortável. A oficina foi a atividade de encerramento e contou com a participação de um grupo de alunos, da professora da sala e da coordenadora. O arte-educador orientou as crianças a produzirem um texto ou um desenho ilustrando as suas percepções sobre as histórias que tinham escutado e questionou os presentes se alguém já havia enfrentado alguma situação de discriminação. Para surpresa de todos, a primeira a se manifestar foi a professora, que,



emocionada, disse que sofre preconceito por ser obesa e que até procurava evitar comer na frente de outros professores para não se sentir discriminada. Logo em seguida um aluno negro falou que tinha sido chamado de macaco por um colega. Uma menina da sala também comentou que se achava feia e por isso os colegas não gostavam dela. Essas revelações permitiram que o diálogo fluísse. Foram momentos muito bonitos.

Essa escola já trabalha com a temática étnico-racial, o que faz com que os alunos estejam atentos às questões da diversidade. Uma das professoras presentes, comentando as atividades realizadas pelo projeto, colocou que acredita que os estudantes conseguiram aproveitar o momento e que as apresentações ampliaram a visão deles para situações que eles vivenciam na sala de aula, mas às quais muitas vezes não reagem.

EMEF MARECHAL JUAREZ TÁVORA

A EMEF Marechal Juarez Távora, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Japaraíquara, na Vila Rio Branco. Recebeu em setembro de 2017 os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para 726 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e do respeito às diversidades.

As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram realizadas em um pequeno palco no pátio principal da escola. A coordenação nos recebeu muito bem e organizou um ambiente agradável para assistir e discutir as temáticas que foram abordadas.

As obras utilizadas para subsidiarem o trabalho foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que discutem questões de gênero e étnico-raciais. Nas apresentações foi possível perceber que os alunos estavam atentos à questão principal, o preconceito, e se mantiveram, interessados, sem se dispersar, durante toda a narrativa. Ao final, a coordenadora admitiu que se esperava que os estudantes tivessem dificuldades em se concentrar para ouvir as contação de histórias, mas de fato o que ocorreu foi justamente o contrário: todas as turmas assistiram com atenção e demonstraram muito interesse na história contada.



Uma das professoras comentou que a abordagem do arte-educador para tratar de um tema sério como o racismo foi muito feliz. Colocado de forma lúdica, interativa, permitiu que os estudantes fizessem reflexões e comentários sobre o assunto abertamente, mas sem perder o foco.

A oficina de criação de textos aconteceu entre as apresentações, com a participação da totalidade dos alunos de uma classe do Fundamental II, acompanhados da coordenadora pedagógica da escola e do professor de geografia. Após uma discussão motivada pelos temas elencados na contação de histórias, todos escreveram a resposta que dariam a alguém que os discriminasse por algum motivo.



EMEF OCTAVIO MANGABEIRA

A EMEF Octavio Mangabeira, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Paulo Bifano Alves, no Parque Boturussu. Em setembro de 2017, recebeu os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram uma contação de histórias para 730 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.



As atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram realizadas na sala de leitura e as obras utilizadas como referência para a contação foram *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto, que discutem questões de gênero e étnico-raciais. As ações propostas pelo projeto coincidiram propositalmente com o Dia da Família, que incluiu na programação apresentações de dança e música produzidas pelos alunos.

A contação de histórias teve a presença dos estudantes e suas famílias, professores e funcionários da escola. A mãe de uma das alunas, que assistiu ao evento, comentou: "O



teatro que mostra o preconceito é muito importante para que nós possamos conscientizar as pessoas de que tem que ter respeito, não importa a cor, não importa a religião, não importa a situação da pessoa. Nós devemos respeitar as pessoas independentemente das diferenças!"

Uma das professoras presentes disse que ficou muito satisfeita com a apresentação feita para os alunos e seus pais, pois introduziu o tema da diversidade e dos direitos humanos com muita leveza e seriedade, mas sem perder o humor: "É uma ótima maneira de trazer assuntos extremamente importantes para o cotidiano desses pais e dessas crianças."

CEU QUINTA DO SOL

A EMEF Professora Rosângela Rodrigues Vieira e o EMEI Braz Jaime Romano, que fazem parte do CEU Quinta do Sol, pertencem à Diretoria Regional de Ensino da Penha e estão localizados na Avenida Luiz Imparato, no Parque Císper. Em agosto de 2017 os arte-educadores do projeto realizaram ações para 1.430 estudantes ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e do respeito às diversidades.

Entre as atividades propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo, ocorreram oficinas de redação e de desenho e contações de histórias com temática étnico-racial, que aconteceram em dois locais: no Teatro Nair Bello e no pátio coberto da escola.

A primeira contação de histórias foi apresentada no palco do teatro para alunos e professores do Fundamental I e II e de Educação Infantil. Na parte da tarde os alunos do Fundamental I e II assistiram à narração no pátio interno da escola. A obra escolhida foi *Cores e coisas: Uma história*

sobre diversidade!, inspirada na biografia da jornalista Mônica Vasconcelos, que discute deficiência visual e questões LGBT.

A oficina de redação e de desenho foi realizada na sala de leitura. Teve a participação de alunos escolhidos pela coordenação e pela professora da sala de leitura, que já realiza um trabalho com o grupo.

Todos estavam muito entusiasmados em participar. Quando o arte-educador perguntou para a turma de qual parte da história eles haviam gostado mais e também se algum deles já tinha sofrido ou praticado algum ato preconceituoso, muitos disseram já ter sofrido algum tipo de preconceito. Um aluno admitiu já ter feito uma brincadeira racista, mas disse que se sentia envergonhado por isso.

A professora Ana Cristina compartilhou com a equipe que acredita que esse tipo de projeto desperta nas crianças a reflexão sobre pessoas com deficiência e a diversidade, ensinando de maneira lúdica, que é a forma que elas entendem, a importância de respeitar as diferenças.



CEU TIQUATIRA

A EMEF Professor Antônio Carlos Rocha e a EMEI Paulo Freire são escolas do CEU Tiquatira, que pertence à Diretoria Regional de Ensino da Penha, e estão localizadas na Avenida Condessa Elizabeth de Robiano, na Vila Moreira. Os arte-educadores do projeto foram recebidos em agosto de 2017, ocasião em que realizaram oficinas de redação e de desenho e contação de histórias para 1.500 estudantes, ilustrando as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.

As ações propostas pelo projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foram realizadas pela manhã em um espaço reservado dentro da quadra e, no período da tarde, na sala de vídeo da EMEF e na sala multiuso da EMEI. A história apresentada no CEU foi *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, obra criada pelo arte-educador Arô Ribeiro inspirada na biografia da jornalista Mônica Vasconcelos que discute deficiência visual e questões LGBT.



Um dos professores presentes nas atividades comentou: "A gente tenta trabalhar o assunto da diversidade, e por ser um tema gerador e por estarmos em uma área de vulnerabilidade social, faz parte do nosso cotidiano lidar com a diversidade. Temos alunos cadeirantes, com baixa visão e com autismo e essa apresentação nos ajuda na sensibilização das diferentes realidades que vivenciam esses alunos. Para o aluno é uma reflexão, compreender que qualquer um pode se tornar uma pessoa com deficiência."

A oficina foi produtiva. Na EMEF os alunos criaram individualmente uma história sobre preconceito e o resultado foi excelente. Na EMEI as crianças desenharam o que mais gostaram na narrativa do arte-educador. Uma professora, durante a oficina, deu o seguinte depoimento: "Gostei dos personagens. Faz a imaginação voar, mostrando como é importante falar sobre a diversidade, pois temos aqui alunos autistas, cadeirantes, pessoas com síndrome de Down, e a apresentação mostra como se pode conviver melhor."

CEU TRÊS PONTES

O CEU EMEF Três Pontes, da Diretoria Regional de Ensino de São Miguel, está localizado na Rua Capachós, no Jardim Célia. Em agosto de 2017, a escola recebeu os arte-educadores do projeto, que realizaram oficinas de redação e de desenho e apresentaram para 1.056 estudantes uma contação de histórias que ilustrou as temáticas dos Direitos Humanos com foco no ECA e no respeito às diversidades.



Um dos professores do CEU Três Pontes fez os cursos de formação do projeto Olhares Cruzados na Diversidade São Paulo e acolheu carinhosamente a nossa equipe, juntamente com os demais educadores e funcionários, que deram todo apoio necessário. As atividades propostas pelo projeto aconteceram no Teatro Chico Anysio, que é bem equipado e muito utilizado pela comunidade. Participaram todos os alunos e professores. Ali ocorreu a primeira apresentação de *Cores e coisas: Uma história sobre diversidade!*, obra criada pelo arte-educador Arô Ribeiro que narra a história verídica de uma menina que fica cega e como seus pais, dois homens, a ensinam a se relacionar com um mundo que não poderia mais enxergar.

Para a coordenadora pedagógica da EMEF, a história de Mônica Vasconcelos – a personagem principal –, que, superando as dificuldades, se tornou jornalista, permitiu iniciar a reflexão sobre a diversidade e o respeito às

diferenças, e, com isso, mostrar a responsabilidade de cada um em acolher as pessoas e ajudá-las a enfrentar as dificuldades do seu cotidiano.

Foi possível ver alunos emocionados com a narração da história e outros com muito interesse em saber mais sobre a trajetória de Mônica.

A oficina de contação de histórias foi realizada no palco do teatro com uma turma de alunos selecionados previamente pelos professores para serem multiplicadores da ação. As 25 crianças se dividiram em dois outros grupos, um de meninas, outro de meninos. Em cada um deles foram criadas histórias de interesse para o grupo. Os meninos criaram uma história na qual o Lobo Mau se apaixonava por Chapeuzinho Vermelho, e as meninas apresentaram uma história sobre sereias e fadas que se transformavam em cantoras pop americanas.

EMEF PROFESSORA WANNY SALGADO ROCHA

A EMEF Wanny Salgado Rocha, da Diretoria Regional de Ensino da Penha, está localizada na Rua Sílvio Ribeiro dos Santos, na Vila União. Em outubro de 2016, recebeu arte-educadores do projeto, que realizaram uma conversa com 809 estudantes sobre Direitos Humanos com foco no ECA e respeito à diversidade, seguida de uma oficina de desenho.

A atividade proposta pelo arte-educador foi uma contação de histórias, realizada no período da manhã para um público atento e participativo composto de alunos e professores, que apresentaram suas opiniões e pontos de vista, o que demonstrou algum conhecimento prévio sobre os temas tratados.

A coordenação havia solicitado para que fossem trabalhadas com os alunos questões de respeito e convivência, e o arte-educador abordou as questões étnico-raciais com foco na importância de sermos quem somos e da valorização das nossas origens e raízes. Em sua fala, o arte-educador valorizou o respeito às diferenças, pois são elas que nos tornam únicos, ainda que nos façam próximos de determinados grupos identitários.

Os estudantes foram muito participativos e contribuíram com entusiasmo para que a oficina de autorretratos, iniciada logo após a conversa, fosse muito positiva. Todos desenharam com muita atenção e riqueza de detalhes. As professoras, sempre muito atenciosas e interessadas no trabalho, auxiliaram os alunos na produção dos



autorretratos, estimulando-os a participar das atividades propostas pelo projeto.

A ação nessa escola foi muito interessante. Foi pautada pela intensa participação de professores e estudantes, demonstrando a importância do educador em todos os processos de aprendizagem.



Jaçanã
Tremembé

CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS

Territórios e Territorialidades pelas ruas da Zona Norte

(...) o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Milton Santos, *O dinheiro e o território*, 1999, p. 8

Debruçar-me sobre o desafio de apresentar um território imenso, complexo e carregado de múltiplas diversidades, memórias e histórias, no qual estão inseridas as escolas da DRE JT – Diretoria Regional de Educação Jaçanã-Tremembé – que participaram do Projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo não é tarefa fácil, mesmo para quem nasceu, cresceu, e se constituiu na região como eu. Contudo, justamente por estes mesmos motivos torna-se uma experiência prazerosa e gratificante.

Vale ressaltar, porém, que minha narrativa estará sempre ancorada na perspectiva de territorialidade, que dentre muitas abordagens, “designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano” (SPOSITO, 2009, p. 11), que, por sua vez, dialoga intimamente com o conceito de Cidade Educadora, onde a educação com qualidade social busca se materializar dentro e fora dos muros da escola e seus atores sociais validam toda a riqueza cultural e todo o conhecimento presentes em diferentes espaços da comunidade, aprendendo na cidade, com a cidade e com as pessoas da cidade.

Partindo dessas premissas, é importante revelar de qual espaço físico e humano estamos falando. A DRE JT é dividida em três grandes regiões, que acompanham a divisão das subprefeituras da cidade. Uma é constituída pelos bairros de Vila Maria, Vila Guilherme e Vila Medeiros, a segunda abrange os bairros de Santana, Tucuruvi e Mandaqui e a última é composta

pelos bairros de Jaçanã e Tremembé, sendo estes últimos os que nomeiam a Diretoria de Educação. Distritos e subdistritos menores também fazem parte de cada grupo citado. Estão sob sua jurisdição 197 unidades escolares, entre CEIs, EMEIs, EMEFs, EMEFMs e CIEJAs, que atendem em torno de 65 mil alunos e contam com aproximadamente 4.200 educadores nas diferentes áreas de atuação.

Cada um desses territórios tem especificidade própria, sendo que muitas vezes é possível verificar uma diversidade de composições, estruturas físicas e sociais, organizações e agrupamentos humanos até mesmo intraterritorialmente. Tal configuração se justifica, pois, como aponta Saquet (2007):

(...) as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas e em unidade, efetivam o território, o processo social, no e com o espaço geográfico, centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades. Os processos sociais e naturais, e mesmo nosso pensamento, efetivam-se na e com a territorialidade cotidiana. É aí, neste nível, que se dá o acontecer de nossa vida e é nesta que se concretiza a territorialidade. SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. Geosul, Florianópolis 2007, p. 57.





Desse modo, é perfeitamente compreensível que, em boa parte do território do Jaçanã-Tremembé, ainda haja áreas onde a biodiversidade da Serra da Cantareira se encontra intacta, em oposição aos territórios de Vila Maria e Santana, por exemplo, que respectivamente foram ocupados por grande número de fábricas, estabelecimentos comerciais, prédios e residências, perdendo assim a maioria de suas áreas verdes. Contudo, no que se refere às semelhanças entre esses territórios, todos foram fundados por grandes latifundiários de terras e pela Igreja Católica, por meio da Ordem dos Jesuítas, que praticavam atividades agrícolas e abasteciam a cidade com hortifrutigranjeiros. Aos poucos, esses proprietários de terras passaram a loteá-las, gerando novas e diferentes configurações locais.

Outro fato histórico que garantiu o desenvolvimento da região, pelo menos ao longo de seu percurso, foi o surgimento da linha férrea Tramway Cantareira, que inicialmente tinha como objetivo transportar materiais para a construção de um reservatório de águas na Cantareira, mas com o passar do tempo teve diferentes usos, substituindo inclusive, os bondes que levavam as pessoas até o centro da cidade. Por este motivo, os preços dos terrenos e dos aluguéis próximos à linha do trem subiram astronômica-mente, empurrando a população pobre para as áreas periféricas, criando os chamados cinturões de pobreza. Esquecidos pelos diferentes governos por décadas e décadas seguidas, esta população sofreu e ainda sofre com a falta de políticas públicas de moradia, infraestrutura, transporte, saúde, educação e lazer, ampliando o abismo e a desigualdade social que perdura até os dias de hoje.

Evitando-se generalizações, mas fundamentando-se em históricos e vivências, esta região da cidade possui um perfil

político e social conservador, haja vista o imenso número de ruas, escolas e praças que levam nomes de santos e beatos, integrantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica e da elite quatrocentista paulista. Os resultados das eleições também apontam para essa conclusão, demonstrando que a força e a influência da Igreja Católica, das Forças Armadas, da aristocracia e da oligarquia paulista ainda imperam na Zona Norte e acompanham o perfil paulistano.

Contudo e apesar de tudo, o que esta parte da cidade tem de mais belo e mais valioso são as pessoas do povo, aquelas que lutam diária e dignamente pela sobrevivência, ensinando a quem quiser ver, ouvir, sentir, que não há realidade histórica que não seja humana. Não há espaço e território sem os sujeitos todos que os compõem. Como diz brilhantemente Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*:

(...) a violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta, somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealista-mente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. (p. 30)

É do exemplo dessa gente simples e guerreira que devemos extrair a certeza de que este mundo tem solução se tivermos coragem e nos posicionarmos do lado certo das lutas!

Claudia Regina Dias Branco Garcia
Professora de História e Alfabetização das
EMEFs Rodrigues Alves e Octávio Pereira Lopes

EMEF PROFESSOR ADOLPHO OTTO DE LAET

A EMEF Adolpho Otto de Laet, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Isidoro de Laet, no Mandaqui. Em outubro de 2016, recebeu os arte-educadores do projeto, que realizaram atividades lúdicas e oficinas com 448 estudantes sobre Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase na temática direito de brincar.



A legislação brasileira reconhece o direito de brincar, tanto na Constituição Federal de 1988, artigo 227, como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990. No entanto, por conta da desigualdade social, esse direito não é exercido por todas as crianças. Para definir a atividade, ressaltamos a importância de brincar para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. Brincar é a base de um crescimento saudável e tem relação direta com outros direitos e princípios do ECA, como o direito ao lazer (artigo 4º), direito à liberdade e à participação (artigo 16), e a peculiar condição de crianças e adolescentes de pessoa em desenvolvimento (artigo 71).

Na EMEF Adolpho Otto de Laet, as arte-educadoras iniciaram a atividade com os alunos do Fundamental I no pátio do colégio, onde, após uma apresentação inicial sobre a proposta do projeto, introduziram noções sobre Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase no ECA. Após esse primeiro momento, começaram as brincadeiras "siga o mestre" e "rabo da serpente". Os alunos ficaram radiantes com a atividade. Na sequência, foram para as salas de aula, onde, orientados pelos professores e arte-educadores, fizeram desenhos sobre o que mais gostam de brincar: jogar futebol, correr, brincar de esconde-esconde, pular corda, brincar de amarelinha.

Brincar é um direito de todas as crianças e essa foi a lição do dia na escola Adolpho Otto Laet.



EMEF ALBERTO SANTOS DUMONT

A EMEF Alberto Santos Dumont, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Tenente Sotomano, no Jardim Brasil. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 711 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas gênero e étnico-racial, que foram os dois eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações com os estudantes.

O evento e a oficina aconteceram na sala de vídeo da escola, onde o arte-educador abordou a temática trazendo questões históricas e mostrando obras de artes relacionadas aos temas propostos. Na oficina, após uma conversa entre arte-educador e estudantes, os alunos criaram cartazes com desenhos ou frases que traziam mensagens sobre a importância do respeito e da igualdade quando se trata das questões étnico-raciais e de gênero.

Um estudante do 8º ano deu um depoimento em que relatou a importância de se abordar esses temas na escola: "Eu achei a conversa muito boa e acho que devemos passar o que conversamos para as crianças e para os jovens de hoje em dia, para termos um bom futuro, para que todos saibam que nós devemos respeitar a todos e para que cada um tenha os seus direitos preservados."

Para uma professora que estava presente no evento, a atividade foi relevante na medida em que trouxe essa reflexão para os alunos, pois é importante abordar alguns problemas da sociedade e falar dos preconceitos. De acordo com ela, muitas vezes os alunos negam ter sofrido preconceito, que, mesmo que às vezes não seja direto, surge em apelidos dados pelos colegas. Por isso, quando esse assunto foi abordado, os estudantes refletiram sobre as suas atitudes.



EMEF FREI ANTONIO SANTANA GALVÃO

A EMEF Frei Antônio Santana Galvão, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua General Jerônimo Furtado, no Jardim Modelo. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 458 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas étnico-racial e gênero, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações com os alunos.



O arte-educador conversou com alunos do 1º ao 9º ano da escola e com seus professores sobre a questão étnico-racial e a de gênero, abordando as temáticas a partir de obras artísticas de sua autoria e de outros artistas. Tratou a questão da origem étnico-racial a partir de sua experiência em países do continente africano, mostrando fotos de grafites que realizou no Brasil e no exterior e que trazem elementos da cultura africana.

Um aluno do 8º ano que participou da atividade relatou ter se identificado com a trajetória do arte-educador e também com a questão de gênero, pois é filho de mãe solteira, que precisa trabalhar para criar seus vários irmãos. O relato desse aluno revelou a importância de se abordar essas temáticas, que estão presentes na vida dos estudantes. Ele desabafou: “É importante a gente falar sobre esses temas na escola, porque a arte é muito importante. E a questão da ‘cor’ também. Nós temos que respeitar para sermos respeitados e muitas coisas têm que mudar dentro do nosso ambiente escolar. Vivemos em um meio em que a questão da ‘cor’ não é falada e existe racismo dentro da escola. Muitas pessoas me ofendem dentro da escola e por isso acho que temos que ultrapassar muitas barreiras.”



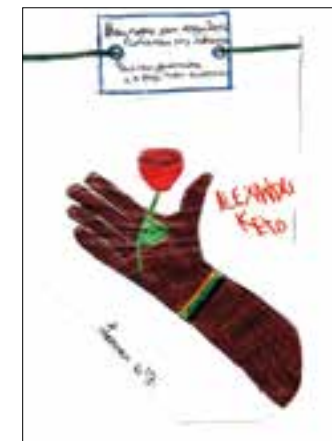
EMEF PROFESSORA CELIA REGINA LEKEVICIUS CONSOLIN

A EMEF Professora Celia Regina Lekevicius Consolin, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Giuseppe Marino, no Parque Novo Mundo. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 515 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas imigrantes, gênero e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.

Ao chegar à escola, pôde-se ver as exposições-varais de Direitos Humanos, que foram fixadas no pátio, na entrada de alunos. A equipe percebeu que houve repercussão por parte do coletivo escolar sobre as exposições.

A oficina aconteceu na sala de artes e dialogou com a atividade da escola que havia sido desenvolvida na semana anterior, retratando poesia marginal e questões étnico-raciais. Com desenhos e cartazes produzidos pelos estudantes, foi feita uma exposição no corredor das salas. A escola já tinha um trabalho voltado à literatura marginal e queria falar mais sobre as questões étnico-raciais no Brasil. Foi possível perceber que a equipe de direção e os professores sempre buscam trazer atividades diferentes para os estudantes.

As ações contaram com a participação de todos os professores e alunos. Uma conversa aconteceu no pátio principal e, com equipamentos multimídia, foram exibidas fotos de obras de arte de artistas que tratam a temática étnico-racial e de gênero, sempre ressaltando o respeito à diversidade. O estudante Samuel, do 9º ano, contou que achou “muito legal saber sobre a história com que eu não me identificava”, referindo-se às origens africanas do Brasil.



Uma professora revelou que a conversa foi muito interessante para os alunos entenderem a questão racial e que as atividades fomentaram debates na escola, como falar sobre o racismo sem o uso de termos pejorativos, na tentativa de, a cada dia, trabalhar com a autoestima dos estudantes. Para ela, “uma pessoa de fora, com outros conhecimentos, faz isso movimentar a sala de aula, trazendo conceitos, preconceitos e angústias. Foi interessante e os alunos gostaram muito porque eles tiveram um espaço para serem representados e entender ‘o que é ser negro’: (...) Cada trabalho que enalteça o fator étnico, a cidadania e a igualdade é um ganho para eles e para nós também.”

EMEF HIPOLITO JOSE DA COSTA

A EMEF Hipólito José da Costa, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na rua Augusto Rodrigues, no Jardim Fontalis. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 1.719 estudantes, sobre Direitos Humanos, o ECA e o respeito à diversidade, com ênfase nos povos indígenas.

O refeitório da escola foi o palco da ação realizada pelo projeto. Ali a arte-educadora abordou o tema indígena com as turmas da manhã, aproveitando o mês temático Agosto Indígena. Primeiramente foi exibido um vídeo de uma história contada pelo povo ayoreo, da Bolívia, chamada *Abuela Grillo* – Avó Grilo em português –, que é a protetora das águas na cultura boliviana. Também foi exibido um vídeo sobre Ijá, guardiã da água para o povo guarani, em que a líder indígena Jera Guarani, da aldeia Tenondé Porã, de Parelheiros, narra a história. A arte-educadora conversou com os alunos sobre os vídeos e, na oficina, solicitou que eles desenassem as protetoras das águas das duas culturas.

Os alunos participaram ativamente da ação, conversando sobre discriminação e preconceito e levando a questão da compreensão dos significados para os povos indígenas brasileiros.



Uma professora de História relatou ter trabalhado com os alunos do 6º ano a origem das Américas em função do Agosto Indígena e considerou a atividade do projeto um importante apoio para o trabalho desenvolvido em sala de aula. De acordo com a coordenadora da escola, o grêmio estudantil é bastante atuante em relação ao respeito à diversidade e apoia o trabalho de luta contra os preconceitos contra imigrantes, negros, indígenas e pessoas com deficiência, entre outros.



CEU JAÇANÃ

O CEU Jaçanã, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizado na Avenida Antônio Cesar Neto, no Jardim Guapira. Em outubro de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 1.200 estudantes, sobre direitos humanos, o ECA e o respeito à diversidade com ênfase na temática gênero, um dos eixos do projeto.



O CEU Jaçanã é composto por cinco unidades escolares, que abrangem diferentes níveis de ensino: CEI Jaçanã, EMEI Jaçanã, EMEF Jaçanã, ETEC Parque da Juventude e ainda um Polo da Universidade Aberta do Brasil.

O evento aconteceu no pátio principal da escola e contou com a presença dos alunos e dos professores. O arte-educador abordou as questões de gênero – tema escolhido pela escola para ser tratado com os alunos –, enfatizando relações históricas e apresentando obras de arte e artistas cuja obra dialoga com os assuntos em pauta. Os participantes fizeram perguntas e trocaram experiências com a equipe da Imagem da Vida. O estudante Leonardo, do 4º ano, contou que gostou da conversa por também ressaltar a temática da consciência negra e falar sobre respeito, pois ele acha importante falar sobre direitos e igualdade na escola.

A oficina aconteceu na sala de leitura e contou com a participação de professores e alunos de 4º e 5º anos, que formaram uma grande roda de conversa para fazer um debate sobre os assuntos abordados mediados pelo arte-educador. A atividade coincidiu com a Semana das Crianças, e por esse motivo muitos dos estudantes estavam caracterizados com fantasias.

Após o debate com os alunos, o arte-educador propôs que os estudantes produzissem coletivamente desenhos relacionados às temáticas trabalhadas. Todos se engajaram na atividade, demonstrando boa interação do grupo e no trabalho de equipe.

Como resultado da atividade foram produzidos cartazes com desenhos e frases que transmitem mensagens positivas sobre a diversidade. “Respeito é bom” e “Respeite a diferença” foram algumas das chamadas propostas pelos alunos. Após as ações, Lucimara, mãe de filhos gêmeos que estudam no CEU Jaçanã, declarou que é fundamental tratar esses temas na escola para que as crianças discutam a diversidade e as diferenças e criem um ambiente de respeito.

EMEF JARDIM FONTALIS

A EMEF Jardim Fontalis, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Crisântemo, no Jardim Flor de Maio. Em outubro de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 1.170 estudantes, sobre Direitos Humanos, o ECA e o respeito à diversidade com ênfase nos povos indígenas, um dos eixos do projeto.



Os estudantes foram recepcionados pela equipe da Imagem da Vida com raps da música guarani. A ambientação musical já sugeriu aos estudantes novas perspectivas acerca da cultura indígena na atualidade, sua dinâmica e os diálogos com elementos ditos “não indígenas”. A apropriação do rap como linguagem própria pelos jovens indígenas é um movimento crescente que dialoga intensamente com os jovens não indígenas, já que é uma linguagem recorrente da cultura jovem.

Em seguida, os arte-educadores fizeram uma exposição geral sobre alguns aspectos relativos às temáticas indígenas. Apresentaram o curta-metragem *Abuela Grillo*, animação que retrata a comunidade boliviana Ayoreo e sua tradição sobre o valor da água e a defesa de que todos têm o direito de usufruí-la. Também exibiram o vídeo *Jerá Guarani fala sobre a exploração predatória da água em São Paulo*, discurso dessa liderança feminina Guarani Mbya, da aldeia Tenondé Porã, em Parelheiros. No vídeo, Jerá fala sobre a monopolização injusta da água por parte da elite, o que gera sofrimento para a população pobre. Na fala, a sabedoria dos mais velhos

da aldeia é evocada para conscientizar sobre a preservação dos recursos naturais, já que muitas vezes a cultura dos homens brancos destrói a natureza. Durante toda a atividade a fala aconteceu no sentido de dar visibilidade aos povos indígenas, suas histórias, trajetórias e origens, enfatizando o conhecimento desses povos sobre o valor, o significado e a qualidade da água. Os participantes fizeram perguntas e participaram trocando experiências. Seguiu-se uma conversa baseada em questões históricas e da cultura dos povos indígenas, relacionando o vídeo apresentado sobre a cultura indígena boliviana e a fala de Tenondé Porã.

Outro elemento trazido para a discussão com os estudantes foi a territorialidade indígena na cidade de São Paulo e sua relação com o próprio território escolar. Aspectos como a existência da aldeia indígena guarani no Jaraguá, na Zona Norte, e das comunidades Pankararé de Guarulhos reforçam para os estudantes a existência dos povos indígenas no território de São Paulo. A oficina aconteceu em duas sessões, na sala de leitura, e contou com a participação de professores e alunos dos 6^{os} anos.

EMEF JOÃO RAMOS PERNAMBUCO ABOLICIONISTA

A EMEF João Ramos Pernambuco Abolicionista, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua João Nicolau Chammaki, no Jardim Virginia Bianca. Recebeu em novembro de 2016 arte-educadores do projeto, que realizaram uma conversa sobre Direitos Humanos com foco no ECA, seguida de uma oficina de desenho.



As atividades contaram com a presença de alunos e professores. A primeira ação foi uma roda de conversa sobre diversidade, ancestralidade, questões étnico-raciais e político-sociais e o cotidiano da escola, gerando um debate rico e participativo.

Após a conversa foi exibido o vídeo *Real Park*, do rapper Gaspar, e os alunos foram convidados a redigir em grupo rimas de 4 versos. Os estudantes foram bastante criativos em suas rimas, as quais expressaram os sonhos, a realidade e a diversidade da escola e da comunidade. A partir das rimas construídas pelos estudantes e de um refrão criado

pelo arte-educador, o grupo cantou um rap resultante da produção na atividade.

Na segunda ação, na continuidade de um bate-papo com estudantes e professoras sobre diversidade e o direito de brincar, foi feito um aquecimento corporal com todos que estavam presentes. Em seguida fez-se a dinâmica “siga o mestre”, com movimentos corporais bastante ousados, e, na sequência, dialogou-se com o coletivo presente sobre a relação entre diversidade e a dinâmica realizada, que trabalha a corporeidade singular de cada estudante.

Por fim, solicitou-se que os alunos fizessem um autorretrato, atividade que promove uma reflexão sobre identidade e origem étnico-racial e a constatação da diversidade presente no ambiente escolar.



EMEF LOURENÇO FILHO

A EMEF Lourenço Filho, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua São Geraldino, na Vila Constança. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 756 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas indígena e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.

As ações da Imagem da Vida aconteceram na sala de leitura da escola, cuja decoração é muito aconchegante e lúdica. Todos os professores e estudantes participaram. Ficou claro para a equipe que a coordenação e os professores estavam muito empenhados em realizar as atividades e, mais do que isso, dar continuidade às ações no cotidiano escolar. Professoras e professores anotaram os nomes dos artistas citados na conversa, para pesquisar mais e depois tratar deles em sala de aula. A escola foi muito acolhedora com os arte-educadores. Alunos e coordenação revelaram que adorariam que houvesse mais ações. Na oficina, os estudantes elaboraram cartazes sobre a valorização das culturas afro-brasileira, africana e indígena e a professora de informática comentou que a atividade foi interessante para quebrar rótulos e estereótipos como o do “índio de tanguinha”



e tantos outros que são reproduzidos na sociedade. Para ela, o arte-educador conseguiu mostrar outros lados da história e incitou a reflexão crítica. Ela considerou a atividade potente e explicou: “Então eu acho que isso fez os alunos pensar e ver se o que está no livro é daquela forma e fazer questionamentos como ‘O que aconteceu?’ e ‘Como as coisas acontecem?’. E eles pararam para pensar e tiveram esses parâmetros de perguntas e questionamentos entre eles após a conversa. E eu acho importante porque, na escola, ficamos muitas vezes agarrados ao conteúdo e não fazemos certos questionamentos e reflexões como esses. Então, quando chega uma pessoa de fora e traz esse tipo de conteúdo, se torna inovadora. E nós, professores, paramos para pensar na nossa didática e no porquê de não parar e começar a refletir da mesma forma que os nossos alunos.”



EMEF PROFESSORA MARIA HELENA FARIA LIMA

A EMEF Professora Maria Helena Faria Lima, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Avenida Roland Garros, no Jardim Brasil. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 600 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas LGBT, imigrantes e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.



A equipe foi recebida pela coordenadora e por professores. Perguntados sobre o contexto escolar e quais os eixos mais interessantes para serem tratados, revelaram que a escola enfrenta problemas com falas e posturas problemáticas dos meninos em relação às meninas e também com a questão racial.

Todas as atividades foram direcionadas com a presença dos professores e da coordenação. A oficina de pintura foi realizada na sala de artes. As conversas com o coletivo escolar

aconteceram no pátio principal da escola e tiveram a presença de todos os alunos, dos professores e da coordenadora. As ações contaram com a interação e a dedicação dos alunos em ouvir o que estava sendo falado e dialogar.

O professor de informática deu um depoimento a respeito das atividades do projeto e contou como trouxe as ações para sala de aula: “Eu achei a conversa produtiva, porque no caso vocês trazem uma linguagem bem acessível a eles, uma linguagem tranquila, que os alunos entenderam. Achei que a participação dos alunos foi boa. No caso, a gente chegou a discutir depois da conversa, em sala de aula, e parece que eles assimilaram muito bem. Cheguei a pedir que trouxessem alguns exemplos de casa. Por exemplo produções de desenhos e entrevistas em áudio com os alunos. E acho que eles conseguiram assimilar, no caso eu queria mais apresentações nesse estilo. E é de grande importância abordar esses temas na escola porque atualmente o currículo escolar está muito engessado e se você acaba focando muito em conteúdos com as mesmas coisas, fórmulas matemáticas ou até mesmo regras de português, ortografia, acaba sendo maçante. Mas quando trazem um conteúdo mais complexo, eu sinto que eles têm interesse e fazem um paralelo com o que eles têm em casa e na sociedade, então acaba sendo mais interessante para os alunos na escola.”

EMEF PROFESSOR MAXIMO DE MOURA SANTOS

A EMEF Professor Máximo de Moura, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Júlia Lopes de Almeida, na Vila Pauliceia. Foi contemplada pelo projeto em dois momentos, outubro de 2016 e setembro de 2017. Os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversas com 691 estudantes sobre Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas gênero, intergeracional e questões étnico-raciais, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.



Em 2016, as atividades propostas pelo projeto aconteceram na sala multimídia, onde os arte-educadores exibiram o vídeo *O valente não é violento*, campanha da ONU Mulheres que tem como objetivo estimular a mudança de atitudes e comportamentos machistas, enfatizando a responsabilidade dos homens na eliminação da violência contra mulheres e meninas. Depois houve um bate-papo sobre o que é gênero, estereótipos e o espaço da mulher na sociedade. A turma estava muito interessada e apresentou vários pontos de vista. Nas oficinas, os alunos produziram frases pedindo a igualdade de gênero.

Em 2017, as atividades foram realizadas com os estudantes do Fundamental I e II na sala de vídeo. O arte-educador começou introduzindo uma conversa sobre Direitos Humanos e ao final surgiram diversas questões sobre as temáticas abordadas, o que mostrou o interesse dos estudantes. Na oficina, algumas alunas discutiram as relações desiguais entre os gêneros e produziram desenhos retratando a irmandade entre mulheres.



EMEF OCTÁVIO PEREIRA LOPES

A EMEF Octávio Pereira Lopes, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Alcy Borges dos Santos, em Guapira. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 1.200 estudantes, sobre direitos humanos, o ECA e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas gênero e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações.



A equipe da escola, desde o começo, se mostrou muito disposta a fazer atividades diferentes e deu todo apoio ao trabalho dos arte-educadores. Assim, ao visitar a escola pela primeira vez, um arte-educador pediu para que os alunos fizessem desenhos em casa com seus responsáveis e familiares e trouxessem para a escola para colar no mural que pretendia criar com os estudantes. Na visita seguinte, arte-educador e estudantes construíram conjuntamente um mural com uma menina negra e colocaram todos os desenhos que os estudantes haviam feito com seus responsáveis.

Nas conversas com o coletivo escolar, após cada apresentação muitas perguntas foram colocadas. Quando houve a conversa sobre gênero, abordaram-se aspectos do machismo e da militância feminista, e um grupo de garotas



do 8º ano, ao final, quis conversar mais com o arte-educador, apontando a importância de tratar do assunto com os meninos de forma simples e direta.

A estudante Raíssa, do 7º ano, contou que “me tocou bastante a parte em que ele mencionou o machismo. Nunca vi um homem falando tão sério sobre esse tema e a realidade dos negros”. Já Maria Vitória, do 7º ano, revelou: “Achei que o Alexandre evocou esses assuntos muito bem e cheguei a me emocionar, pois nunca vi um homem falando sobre a nossa realidade.”

Para a professora de Ciências, a conversa deu abertura para grandes discussões dentro e fora da escola. Ela acredita que o sucesso das ações decorreu da abordagem, que não foi elitizada e aproximou os estudantes do tema. Para ela, “essas questões têm que ser trabalhadas em sala de aula, mas a escola é que tem que fazer o movimento a respeito e ultrapassar as salas de aula. A conversa foi boa para abordagem do tema e precisamos disso, só que precisa ser trabalhado em sala para os alunos se apropriarem mais.”

EMEF OLIVA IRENE BAYERLEIN SILVA

A EMEF Oliva Irene Bayerlein Silva, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Amazonas da Silva, na Vila Guilherme. Recebeu em novembro de 2016 arte-educadores do projeto, que realizaram uma sensibilização, rodas de conversa e oficina de desenho com 421 estudantes sobre o ECA, Direitos Humanos e respeito à diversidade, com ênfase na temática étnico-racial.

A atividade começou com uma dinâmica com os estudantes, que se mostraram muito participantes e contextualizados sobre as temáticas. Isso se deve ao trabalho das professoras, pois no decorrer das atividades os estudantes discorreram sobre uma variedade de temas abordados durante o ano em trabalhos realizados sobre a questão étnico-racial.

Ao longo do dia os alunos cantaram diversas músicas, uma delas uma canção tradicional da etnia indígena Kariri Xocó. Eles estavam muito empolgados para mostrar essa canção e também cantaram uma música popular amazonense sobre o Boi Bumbá, do festival de Parintins, pois trabalharam a questão das festas regionais alinhadas à temática étnico-racial.

Numa das rodas de conversa os arte-educadores ouviram relatos emocionantes sobre situações de discriminação racial e de gênero que marcaram muito alguns estudantes das turmas do 8º e do 9º ano, que se mostraram muito maduros ao discutir questões relacionadas à discriminação, racismo, machismo e etnocentrismo. No grupo havia algumas crianças de origem boliviana, que se mostraram muito conscientes, principalmente no que diz respeito à preservação da identidade cultural da sua comunidade.

A atividade foi muito rica e se tornou uma experiência inesquecível para a equipe do projeto.



EMEF GENERAL PAULO CARNEIRO THOMAZ ALVES

A EMEF General Paulo Carneiro Thomaz, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Nossa Senhora da Aparecida, no Parque Vila Maria. Em agosto e setembro de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 904 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas imigrantes, gênero e étnico-racial, que foram os eixos definidos conjuntamente com a escola para serem abordados com os estudantes nas ações.



As atividades foram realizadas na sala multimídia da escola e repercutiram muito bem entre estudantes e professores, que se mostram muito interessados no debate provocado pelo arte-educador do projeto. Uma estudante do 6º ano relatou a importância de diminuir o racismo e o *bullying* na escola: "Nós precisamos de uma escola para conviver, sem racismo e sem *bullying*. Nós vamos à escola para estudar e para não sofrer algumas coisas. Aí chegamos aqui e muitas vezes somos xingados pelos colegas. Isso não é adequado e muito menos normal. A gente vem todos os dias para estudar e aprender, para termos um futuro melhor, e acho que depois dessa conversa algumas coisas mudaram."

A escola tem alguns professores engajados em discutir a diversidade e um grupo de poesia chamado VOPO, no qual os



professores trabalham poesias e poetas negros e periféricos. Os alunos participaram recitando poesias. Foi muito interessante poder ver os frutos desse trabalho já desenvolvido pela escola.

Um professor de história e geografia defendeu a importância de incentivar a arte engajada e cidadã, que foi o modo como o arte-educador abordou o tema. Para esse professor, a cultura tem o poder de emancipar o sujeito quando este produz de forma consciente e não apenas de forma passiva, reproduzindo conceitos sem questioná-los. Ele compartilhou: "Sou um grande defensor de que a escola tem que ir pelo lado da cultura, que a educação não pode ficar restrita simplesmente à reprodução da sociedade, ou seja, adequar o ser impondo condições de que o mundo é desse jeito e você tem que aprender a se adequar."

EMEF MARECHAL RONDON

A EMEF Marechal Rondon, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua do Buruí, no Parque Casa de Pedra. Em agosto de 2017, os arte-educadores do projeto realizaram oficinas de artes visuais e conversaram com o coletivo escolar, composto por 960 estudantes, sobre o ECA, Direitos Humanos e o respeito à diversidade, com ênfase nas temáticas indígena e étnico-racial, que foram os eixos definidos com a escola para serem abordados nas ações com os alunos.



Todos os professores e estudantes do 1º ao 9º ano participaram da atividade na sala de vídeo da escola. O arte-educador abordou a questão étnico-racial sob o ponto de vista histórico e a partir de obras artísticas de sua autoria que representam homens e mulheres negras, com forte apelo à cultura dos povos africanos. Os alunos se interessaram pela conversa e pelo projeto, participando do evento com perguntas e relatos de experiências próprias.

Uma aluna de 12 anos, do 6º ano, relatou que gostou da conversa porque tratava da questão do *bullying*, que ela confessa não só já ter sofrido como também reproduzido. Mas que, a partir do debate provocado pelo arte-educador, reconheceu que difamar as pessoas com

palavras pejorativas, pelo físico ou pela estética, é algo ruim de fazer.

Uma das mães presentes durante a atividade tem um filho no 3º ano e deu um depoimento defendendo a importância de projetos que tratem da diversidade e da questão racial na escola: "Eu acho importante ter essa participação das pessoas sobre a diversidade, para uma melhora das crianças tanto dentro da escola como fora também. E para aprenderem que tem uma diversidade, mas que também temos uma desigualdade, e isso pode mudar se a gente souber reverter. Acho muito importante não só nessa escola, mas em outras também, mostrar esse projeto e a valorização da diversidade."

EMEF PROFESSORA SHIRLEY GUIO

A EMEF Professora Shirley Guio, da Diretoria Regional de Ensino Jaçanã-Tremembé, está localizada na Rua Cristóvão Lins, na Vila Isolina Mazzei. Recebeu o projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo em dois momentos: setembro de 2016 e agosto de 2017.

Em 2016, os arte-educadores fizeram uma sensibilização e uma oficina de autorretrato com os estudantes, trabalhando questões étnico-raciais e imigração. A escola foi muito participativa, disponibilizando espelhos para que os estudantes pudessem registrar seus traços com mais precisão, o que, segundo as professoras, foi muito interessante, pois os alunos a todo o momento pegavam os espelhos para verificar se estavam retratando seu rosto corretamente.

Em agosto de 2017, a equipe do projeto voltou ao EMEF Shirley Guio para desenvolver atividades com o coletivo escolar, composto por 600 estudantes, sobre Direitos Humanos, o ECA e respeito à diversidade. As temáticas definidas conjuntamente com a escola para serem abordadas nas ações foram gênero e étnico-racial.

O evento aconteceu no anfiteatro da escola e o arte-educador apresentou uma perspectiva histórica sobre os temas propostos, ilustrando sua fala com obras de arte e artistas que se inspiraram nas questões étnico-raciais e de gênero.



Após uma roda de conversa com os alunos, ocorreram oficinas de artes visuais e todos criaram cartazes com desenhos sobre os temas propostos.

A professora de artes contou que desenvolve o projeto Ubuntu juntamente com as professoras da sala de leitura e de língua portuguesa, trabalhando questões da diversidade. Ela comentou: "Nós ficamos muito contentes quando soubermos que vocês viriam aqui. Os assuntos que vocês trataram têm muita relação com os temas que estamos trabalhando. Os estudantes bolivianos, por exemplo, sofrem muito com desrespeito e discriminação na escola. Nesse projeto que temos de cultura africana, a gente fala sobre diversidade, falamos para os alunos que eles estão tendo a chance de aprender com essas oportunidades de conhecer outras culturas."





COORDENAÇÃO GERAL

Dirce Carrion – OSCIP Imagem da Vida

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Márcia Regina Kevedo Kay

APRESENTAÇÕES

Dirce Carrion, Márcia Kay, Vera Lúcia Benedito, Daniela Oliveira Francisco, Luana Cruz Bottini, Rosa Maria Tavares Andrade, Marcelle Guerra, Carlos Eduardo Fernandes Junior, Cláudia Regina Dias Branco Garcia e Josafá Crisóstomo

APOIO DE EDIÇÃO E TEXTOS

Dirce Carrion, Gabriela Thomazinho, Juliana Gois Figueiredo e Marina Martins Cipolla

REVISÃO DE TEXTO

Bias Arruda e Juliana Gois Figueiredo

DIREÇÃO DE ARTE

Fernando Moser

FOTOGRAFIAS

Andrea D'Amato e equipe Olhares
Cruzados na Diversidade de São Paulo

ARTE-EDUCADORES

Alexandre Keto e Arô Ribeiro (coordenação)

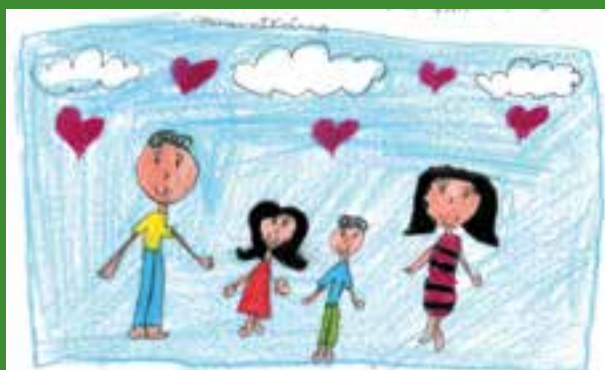
Bianca Dorini, Carolina Rocha Pradella,
Daniel Aureliano, Érika Mota Santana, Rafaela Ferreira,
Marina Lopes e Pedro Henrique Ferreira Sobrinho

ASSISTENTE GERAL DO PROJETO

Alcione Guilherme

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

BMF Gráfica e Editora



Agradecemos a todas e todos os estudantes, coordenadores pedagógicos, diretores e professores das escolas contempladas pelo projeto. Nosso muito obrigada ao Núcleo Étnico-racial da Secretaria Municipal de Educação, às Diretorias Regionais de Ensino da Capela do Socorro, Penha e Jaçanã-Tremembé.

Cabe mencionar que, além das escolas apresentadas no livro, receberam materiais ou foram contempladas com atividades da equipe do projeto as seguintes escolas: EMEF Padre Antonio Vieira, CEI Alastair Quintas Gonçalves, CEI Cantídio Nogueira Sampaio, EMEF Cecília Meireles, EMEI Cidade Fernão Dias, EMEI Professora Cleide Moreira dos Santos, EMEF Professora Eliza Rachel Macedo de Souza, EMEF Edgard Cavalheiro, EMEI Professor Fernando Camargo Soares, EMEI George Savalla Gomes Carequinha, EMEF Luís Washington Vita, EMEI Mario Graciotti, EMEF Noé de Azevedo, EMEF Padre Serafin Martinez Gutierrez, CIEJA Vila Maria, CEI Vila Ramos. Muito obrigada a todas elas!

Nosso agradecimento especial a todas e a todos colaboradores que, entre os anos de 2015 e 2017, contribuíram com ideias e trabalho para a realização do projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo: Alcione Guilherme, Alexandre Keto, Ana Dourado, Ana Mendes, Arô Ribeiro, Bianca Soares Dorini, Beatriz Maia Gomes, Carlos Guilherme Cattarinich Bastian, Carolina Rocha Pradella, Christian Fernando dos Santos Moura, Daniel Aureliano, Eliane da Costa Bruini, Érika Mota Santana, Fernanda Luchiar de Lima, Gabriela Thomazinho, Joice de Oliveira Pires, Juliana Belo Pessoa, Juliana Gois Figueiredo, Karina Fasson, Kety Viana, Laís Atanaka Denubila, Leticia Gabrieli Vieira de Oliveira, Luana Cruz Bottini, Marcelle Garcia Guerra, Márcia Regina Kevedo Kay, Maria Ângela Rudge, Marina Lopes, Marina Martins Cipolla, Patrícia Jatobá Urbano de Oliveira, Patrícia Kay, Paula Bonfatti de Lima, Pedro Henrique Ferreira Sobrinho, Pedro Goldgrub, Rafaela Ferreira, Rosa Maria Tavares Andrade, Steff Cordeiro de Oliveira entre outros.

Também não poderíamos deixar de mencionar a Sra. Sulla Andreato da Galeria Olido, que acolheu a exposição Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo.

O projeto Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo foi viabilizado com o apoio do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD) e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) da Cidade de São Paulo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Olhares Cruzados na Diversidade de São Paulo /
Dirce Carrion, (org.) ; [coordenador do projeto]
Imagem da Vida. -- 1. ed. -- São Paulo : Reflexo,
2017. -- (Olhares Cruzados)

Vários autores.

ISBN 978-85-88120-17-4

1. Ambiente escolar 2. Direitos humanos
3. Diversidade 4. Diversidade cultural 5. Educação -
São Paulo (SP) 6. Estatuto da Criança e do
Adolescente (ECA) 7. Grupos étnicos 8. Identidade de
gênero 9. Povos indígenas 10. Projeto Olhares
Cruzados na Diversidade de São Paulo I. Carrion,
Dirce. II. Imagem da Vida. III. Série.

17-10523

CDD-306.43981611

Índices para catálogo sistemático:

1. Diversidade : Ambiente escolar : São Paulo :
Cidade : Sociologia 306.43981611



OSCIP IMAGEM DA VIDA

Alameda Rio Claro, 137/22 – Bela Vista – São Paulo – São Paulo – CEP 01332-010
oscip@imagemdavid.org.br - www.imagemdavid.org.br



ISBN 978-8588120-17-4



9 788588 120174

realização



apoiadores



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

